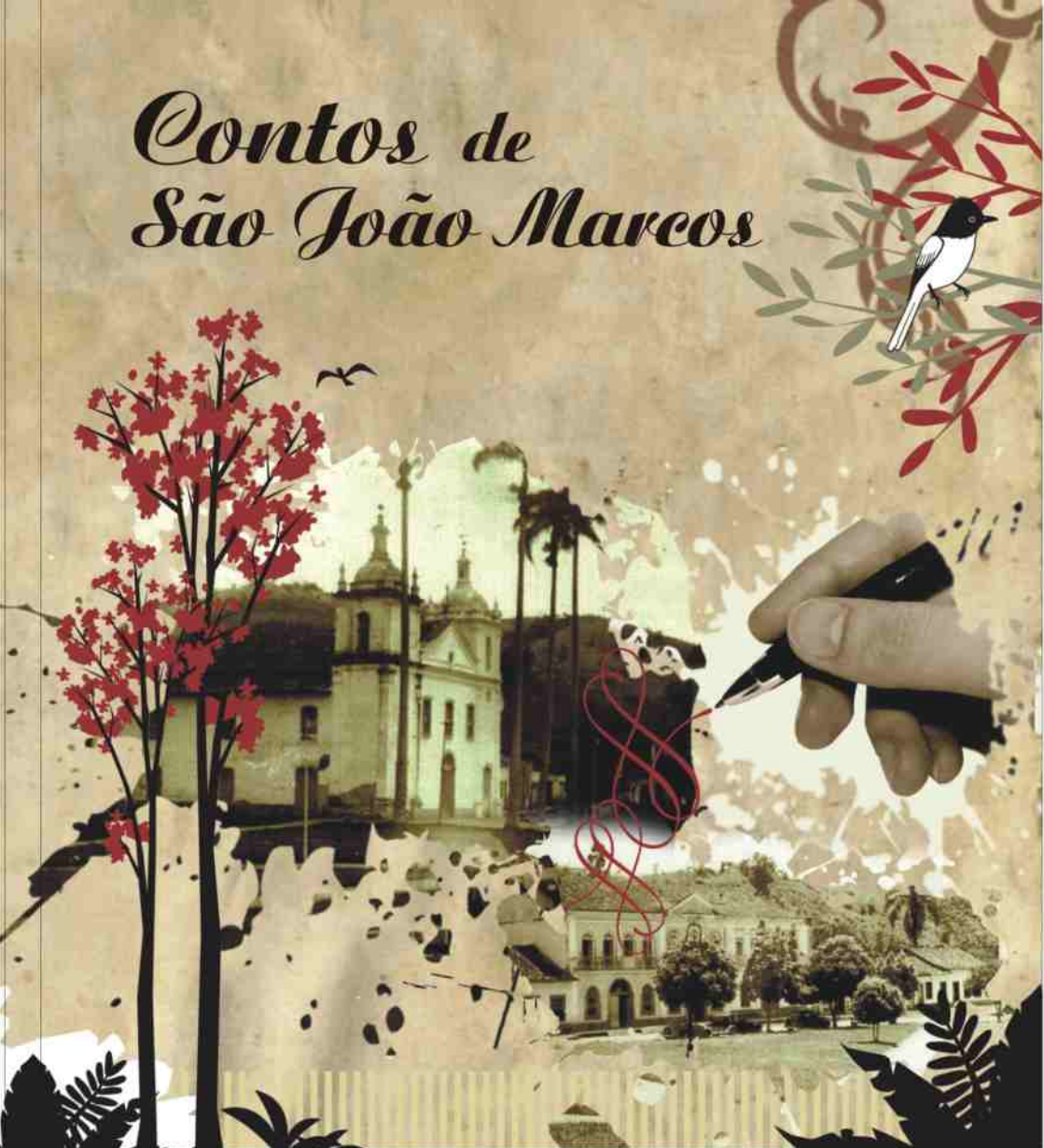


Contos de São João Marcos



volume 2

Classificação Final

1º Lugar: A História de São João Marcos Vista por um Caipora

Autor: Luzia Lucia da Silva Araújo

2º Lugar: A Arca de Noé de São João Marcos

Autor: Leonardo Soares Madeira Iorio Ribeiro

3º Lugar: A Igreja que Nasceu do Chão

Autor: Jandira Neto

4º Lugar: Um Amor Submerso

Autor: Denise Constantino da Fonseca

5º Lugar: Causo do meu tio-avô contado uma única vez

Autor: Hedjan Costa da Silva

6º Lugar: Pés de Mulungu

Autor: Leonor Vieira-Motta

7º Lugar: Anastilose

Autor: Maria Amélia Neves Gonçalves

8º Lugar: Uma Noite Inesquecível

Autor: Jober Rocha

9º Lugar: Maldição Sagrada

Autor: Giano Santos Viana

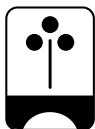
10º Lugar: O Músico da Freguesia

Autor: Ivanilton Tristão Pereira

Contos de
São João Marcos
volume 2

Copyright © 2016
Editora Cidade Viva
Instituto Cultural Cidade Viva

ISBN 978-85-63437-20-4



Parque
Arqueológico e Ambiental
de São João Marcos

*Contos de
São João Marcos
volume 2*

Editora Cidade Viva
Rio de Janeiro
2016

Ficha técnica

“Este projeto foi premiado pelo Edital Todos por um Brasil de Leitores”

Patrocínio

Ministério da Cultura
Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER
Plano Nacional de Livros e Leitura
Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas – DLLL

Realização

Coordenação Geral: Instituto Cultural Cidade Viva
Coordenação Editorial: Editora Cidade Viva
Diretor Executivo: Fernando Portella
Diretora de Projetos: Francis Miszputen
Gestão Executiva: Zeca Barros
Produção Executiva: Heidi Costa
Produção Editorial: Roberta Abreu
Projeto Gráfico e Diagramação: Simetria Arte e Comunicação
Revisão: Irene Serra
Impressão:

Programação anual do Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos

Light S.A.
Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro

REALIZAÇÃO



PROGRAMAÇÃO ANUAL



SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA DE INCENTIVO À CULTURA



PATROCÍNIO

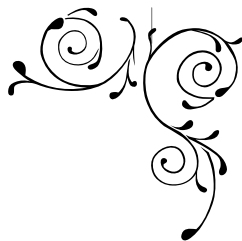
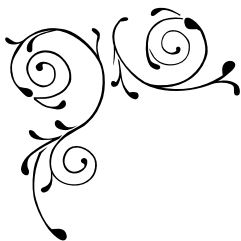


DIRETORIA DE LIVRO, LEITURA E BIBLIOTECAS

SECRETARIA EXECUTIVA

MINISTÉRIO DA CULTURA





Ruínas são pedras que contam histórias

A cultura não morre nunca, é enterrada viva. À medida que avançamos no trabalho de arqueologia em São João Marcos, as ruínas aparecem, dialogam entre si e com a natureza, e começam a contar suas histórias. Os antigos moradores se emocionam e por sua vez desenterram suas lembranças, que conversam com outros personagens, de pai para filho, de filho para neto...

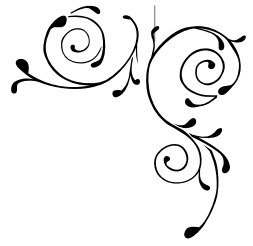
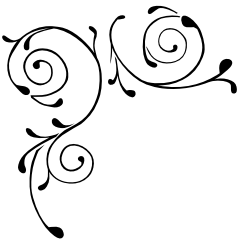
As pessoas que visitam o lugar sentem esta história viva, que provoca a reflexão sobre “Quem somos, quem fomos”. Descubrem que seus jeitos naturais de ser, seus valores, vão muito além da data em que nasceram – são sinais hereditários.

O ciclo do café também nos desperta para esse passado vivo, nos tornando indivíduos mais completos. Quantas não foram as histórias de São João Marcos que ajudaram a cidade chegar ao seu esplendor? E depois, páginas sofridas, durante a dor da sua decadência. Ruínas são pedras que falam!

São João Marcos hoje ressuscita com o apoio de muitas pessoas, que estão na Light, na Secretaria de Estado de Cultura, nos órgãos de proteção ao patrimônio cultural, natural e ambiental de todas as esferas públicas, na Prefeitura de Rio Claro, nas cidades vizinhas e no Ministério da Cultura que deu, para o Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, através de indicação do IPHAN (2011), o maior prêmio de patrimônio do país: “Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade”.

Maravilhoso é ler os contos que fazem parte desta publicação e constatar que, embora a cidade não exista mais como antes, ela ressuscita e começa a escrever uma nova história de vida.

Fernando Portella



O Parque

Quando o Parque ainda estava em construção, em meio à poeira, barro, lama, entulhos e ferramentas, eu já imaginava tudo pronto, lindo e florido. Eu já visualiza as crianças andando por todos os lados, curtindo curiosas e eufóricas com as novidades que estariam diante dos seus olhos. E foi pensando nos jovens que eu me motivava a cada dia para vencer os desafios que apareciam ao longo do processo de realização do Parque.

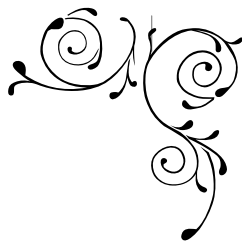
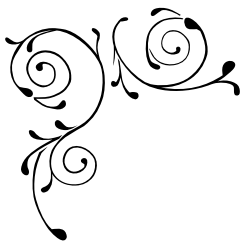
Eis que um dia, lá estava eu na primeira visita para um plantio de árvores, eu descí a Estrada Imperial entre muitos jovens cantando, rindo e falando coisas engraçadas.

Agora vejo este livro de contos tão lúdico e gostoso de ler. É uma alegria ter chegado a este momento e espero que todos os que tenham uma obra registrada aqui, a guardem com carinho para que sirva de mais história no futuro.

*Luís Felipe Younes do Amaral
Light*

Sumário

Introdução _____	11
A Arca de Noé de São João Marcos _____	15
A Igreja que Nasceu do Chão _____	22
A História de São João Marcos Vista por um Caipora _____	28
Anastilose _____	39
Causo do meu tio-avô contado uma única vez _____	45
Maldição Sagrada _____	57
O Músico da Freguesia _____	61
Pés de Mulungu _____	67
Um Amor Submerso _____	75
Uma Noite Inesquecível _____	92
EXTRAS	
O Sonho _____	103
O Tesouro Escondido _____	114



Introdução

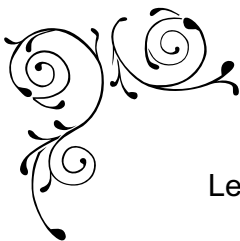
Ficção, fantasia, criatividade. As histórias escolhidas para o segundo volume da coletânea 'Contos de São João Marcos' são repletas de espírito inventivo. Inspirados numa cidade do passado e em um parque para o futuro, seus autores atenderam ao chamado: deram asas à imaginação ao participarem do concurso literário promovido pelo Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, em parceria com a Editora Cidade Viva, e realizado graças ao Prêmio Todos por um Brasil de Leitores, concedido pelo Ministério da Cultura.

O Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos é um espaço cultural e educativo patrocinado pela Light e pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro que comemorou em 2016 cinco anos de atividades. A segunda edição do Concurso Literário Contos de São João Marcos registra nesta publicação as dez narrativas mais bem pontuadas por uma comissão julgadora composta de representantes das áreas da

Cultura e da Educação. Diante da qualidade dos textos recebidos, decidimos publicar mais dois contos que ficaram com a pontuação muito próxima aos dez primeiros colocados e, por isso, mereceram um capítulo extra.

Esperamos que você também se envolva e se emocione ao ler esses contos assim como nós nos alegamos sempre que temos a chance de contribuir para o resgate da memória da antiga cidade de São João Marcos.





Leonardo Soares Madeira Iorio Ribeiro

A Arca de Noé de São João Marcos

O sol se fazia sentir em meu corpo, num dia reluzente da primavera fluminense... eu, de calças curtas, sapato empoeirado, o corpo enérgico e os lábios sorridentes, ia ao encontro dos amigos e da meninada, na busca do gozo infantil de uma vida sem tribulações e preocupações.

No andar apressado, avistei meu avô e, em seu rosto, abriu-se um sorriso... um sorriso que não há como descrever, pois tem tantos sentimentos e sentidos... tantos conselhos, recados, carinhos... tantas repreensões... tantas tradições... tudo o que é competência do coração!

Devo, então, usar a seguinte descrição: o “sorriso-de-meu-avô”!

Fui em sua direção e ele me fitava os olhos, com seu bigode amarelecido e seus cabelos brancos, e ao chegar bem próximo, bem próximo mesmo, dava para sentir o cheiro de guardado de seu paletó, ele sorriu... sorriu... sorriu - não foram três sorrisos, mas um sorriso

contínuo - no que percebi a mensagem do “sorriso-de-meu-avô”: “eu estou aqui e sempre estarei contigo!”

Não era uma mensagem dita em palavras, mas dita em sentimentos e percepções.

Eu também sorri, numa alegria harmônica com as terras fluminenses, com a minha São João Marcos... eu sorri naquele cenário primaveril, nos seus milhares tons de verde, azul, rosa... na fuzarca dos passarinhos, no passar dos cavalos... eu sorri no meio daquela gente-minha que ali parecia construir uma fortaleza que me protegia das agruras e das perversidades “extra muros”.

Estava bem próximo a meu avô! Ele meteu a mão na algibeira e tirou uma pratinha para me presentear, num costume que sempre renovava a mensagem de seu sorriso: “eu estou aqui e sempre estarei contigo!”

Mas, ao abrir a mão grossa e ressecada, a moeda tomou vida e escapuliu entre os seus dedos, como um pássaro ágil que foge da gaiola por descuido de alguém.

A moeda caiu sobre uma pedra do calçamento, uma pedra larga, grande, poderosa, com um formato diferente... uma pedra-pedra. O sol fazia a moeda reluzir e eu logo me abaixei para pegá-la, já que sabia que o velho não poderia se abaixar.

Ao tocar a moeda sobre a pedra, senti o poder daquela comunhão que se formava - ou que já existia - como se, daquele momento em diante, não houvesse a

moeda e a pedra, mas a “moeda-pedra”!

Aliás, as pedras de São João Marcos têm sua individualidade, não são pedras, simplesmente... são “as” pedras, e aquela era “a” pedra: nenhuma pedra era – ou é - exatamente igual à outra, nem ocupava o mesmo lugar... estivessem lado a lado ou umas sobre as outras... cada pedra tem sua vida!

Cada pedra tinha - e tem - sua individualidade, muito embora, juntas, formassem os casarios, os muros e as ruas da cidade, na lembrança dos tempos áureos do café e dos milhares de escravos.

Na verdade, as pedras de São João Marcos têm alma...!

São como nós mesmos, indivíduo a indivíduo, cada qual no seu próprio “construindo-se” e na defesa desta sua “construção”... e, unidos, somos o povo desta terra firme, desta terra de bravos e sofredores!

Voltando ao momento em que toquei a “moeda-pedra”, eu, na riqueza-sagrada da infância, sentia a “moeda-pedra”, em sua comunhão e fortaleza, tendo, naquele instante, uma experiência diferente, um momento particular de minha existência, atemporal e imaterial.

Era como se eu sonhasse acordado... como se eu tivesse visões... como se eu vivesse e existisse apenas em alma, fora de meu corpo: um profundo, vivificante e intenso sonho...

Via a velha igreja matriz com suas torres e ouvia seu sino, via seu deslumbrante altar, a escultura do santo, os belos azulejos e as meninas vestidas de anjos... atravessava a sólida ponte... via as ruas e os caminhos conhecidos, as velhas portas e janelas, as sacadas, as vetustas casas...

Via as pessoas que faziam parte daquele mundo tão pequeno, mas que, para mim, era o “mundo-todo”... bigodes, chapéus, paletós, batinas, gravatas-borboleta, coletes, relógios de bolso... o busto do Feliciano Sodré, o desembargador Ataulpho de Paiva, o Coronel Luiz Dantas... li sobre os “filhos ilustres de São João Marcos”...

Naquele momento, senti, profundamente, as carícias de minha mãe, o seu colo e sua voz... ouvi as lições de meu pai, suas histórias e suas esperanças... senti o beijo de minha avó – já corcunda a costurar – e o calor de suas mãos... as carinhas, os chorinhos e os cachinhos de minhas irmãs... a voz confiante e patriarcal de meu avô... eu respirei o ar de minha casa, da mesa de jantar, o gosto da comida, o aconchego de minha cama e a proteção de Nossa Senhora... Percorri missas de domingo, brincadeiras, correrias, jogos e teatros... encontrei o prefeito, o juiz, o promotor, o presidente da Câmara, o vereador, o médico... diverti-me no cine-theatro... roubei laranjas do sítio do amigo de meu pai... vi o rosto de cada amigo

e beijei a mão do padre... eu corri... corri... corri... na mais pura noção de liberdade, como se fosse voar e fosse senhor do tempo...

Mas eu não sei por quê... eu não sei por quê... eu não sei por que uma sombra apareceu e a moeda não mais reluzia e nem via bem os contornos da pedra... não sei se foi uma nuvem, se foi alguém que passou ou algum animal, um anjo ou um demônio. Eu não sei! Só sei que a sombra surgiu...

É claro que há sombras boas, muito boas, sombras más, muito más... há sombras que não são boas nem más... entretanto, aquela era uma sombra muito má, que tirou, num repente meio desesperador, a luz de minha “moeda-pedra”... tirou a minha luz... Eu fiquei atordoado e perdido – tonto mesmo! – sem saber o que fazer ou o que dizer: passei a ouvir barulhos, barulhos fortes e estrondosos... e fechei meus olhos... fortemente... E meus olhos foram inundados... inundados... inundados por lágrimas, num “naufrágio em sentido inverso”.

Tentando recobrar a consciência, ergui meu corpo, com a moeda na mão e a alma firme!

Até este momento – é importante registrar – eu estava abaixado tocando minha “moeda-pedra”, em meu sonho acordado... com os olhos fechados...

Ao abrir os olhos, não vi o meu avô nem senti o odor de seu paletó... não ouvi o sino da matriz nem o

trotar dos cavalos... não ouvi os gritos da meninada nem os sussurros das velhas fofoqueiras... não vi portas nem janelas abertas ou fechadas... não vi a minha gente... não me via... e enlouquecia! Enlouquecia, num banho de loucura!

Eu, de calças compridas, sapatos empoeirados, dores nas costas, os olhos mergulhados em lágrimas... sobre aquela mesma pedra da minha São João Marcos.

O que eu via? O que eu sentia? O que eu não via? Como suportar o insuportável? Como entender a memória? Uma memória imersa e lavada! Eu abaixei e coloquei a moeda na pedra, na mesma pedra sobrevivente, a pedra que viajou na Arca de Noé de São João Marcos! Eu estava com os olhos inundados de lágrimas - eu odeio o verbo inundar!

Eu toquei a “moeda-pedra” e senti... senti... senti e ergui meu corpo, num ato de coragem e fé... e vi o “sorriso-de-meu-avô”, na moldura de seu bigode e na sua mensagem: “eu estou aqui e sempre estarei contigo!”

Admirei, então, a velha matriz, as casas, os muros, as ruas, as esquinas... o povo a transitar e a prostrar, ouvi os trotes dos cavalos, as charretes, a banda de música... vi a beleza da mata e as flores de minha mãe... senti a brisa em meu rosto e o calor do sol fluminense... era a minha São João Marcos!

E veio correndo um garoto... correndo... de calças

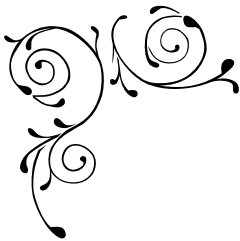
curtas... correndo... e gritou:

- Vovô, está tudo bem?

Eu sorri... sorri... sorri... e ele me olhou... e eu abri a mão onde estava a moeda – que continua a ter espírito de pássaro fujão – e ela caiu sobre a pedra, formando a “moeda-pedra” ...

E eu disse, sorrindo:

- Pegue, meu neto... é para você... mas, primeiro, toque e sinte... toque e sinte... toque... sinte... meu neto, João Marcos, que “eu estou aqui e sempre estarei contigo!”



Jandira Neto

A Igreja que Nasceu do Chão

Quando Rachid chegou à cidade de São João Marcos, nas Serras Fluminenses, nos idos do fim do século XVIII, esta história já corria solta.

Ouvira-a pela primeira vez quando fora vender seus produtos de mascate na Fazenda Olaria, já de propriedade do famoso Comendador Joaquim da Silva Breves. Um velho escravo contador de histórias que ali morava, no meio de uma boa conversa disse tê-la ouvido de seu próprio avô, que, segundo ele, teria mesmo participado da construção da Igreja. Pois é, seu moço! Meu avô dizia bem assim. *Eu vi com esses “dois ois” que a terra há de comer, essa igreja nascer direto do chão!*

Desde então, rezava a lenda que a Igreja de São João Marcos “nascera diretamente do chão” em 1742.

Alguns riam do velho, outros acreditavam piamente na história, mas Rachid Ben Moleck ficou apenas surpreso com aquela informação. Lembrou-se que, quando ainda menino, ouvira dizer algo assim sobre antigos castelos portugueses que também

teriam saído diretamente do chão. Isso mesmo! Descendente de mouros espanhóis, Rachid e seus pais haviam passado pela região do Algarve ao Sul de Portugal quando de sua viagem de vinda para o Brasil e fora lá que ouvira, pela primeira vez, essa história de construções nascidas diretamente do chão. *Que mistério seria esse?* Rachid ficou a matutar com seus botões...

Naquela noite Rachid sonhou com tempestades. Grandes navios as enfrentavam bravamente e valentes homens lutavam pela sobrevivência em alto mar. Acordou meio assombrado. Sabia da história de seus ancestrais. Exploradores, conquistadores de terras e de gentes, os mouros haviam conquistado a Península Ibérica no Período Medieval e ali construído suas vidas, fundando castelos e prósperas vilas ao seu redor. Mas, castelos surgidos do chão? *Será?*

No dia seguinte ele saiu cedo para trabalhar. Era um bom mascate e conhecido em todas as fazendas cafeeiras da região. Selou seu burro e lhe pôs as cangalhas, encheu os cestos de bugigangas e junto colocou aqueles cachimbos de caretas que acabara de receber, certamente iam fazer sucesso na cidade.

Na rua algumas moças lhe “botaram um olho” de interesse. Ainda era moço, moreno alto e magro, tinha uma barbicha bem cuidada e um nariz adunco. Os cabelos negros emolduravam seus olhos de olhar

profundo. Não era exatamente um homem elegante. Sua roupa simples era completada pela capa de azulão e a touca mourisca tradicional de sua família e, o mais difícil mesmo era andar com aqueles tamancos de pau pelas ruas de pedra de São João Marcos, mas fazer o quê? Era a moda.

Foi até a farmácia que ficava ali na esquina da Praça 5 de Julho e andava despreocupado pela rua, quando deu de cara com a Igreja de São João Marcos toda engalanada para a festa do Padroeiro que aconteceria dali a alguns dias e toda a história lhe voltara a cabeça – *Igreja nascida do chão, pois sim!* Deixou o burro amarrado na porta da farmácia e foi até lá dar uma olhada de perto.

Era mesmo uma bela Igreja. Caminhou em sua volta pela calçada de pedra de mão e esta aparentemente acabava rente à parede; olhou para um lado, para o outro, e entrou. Admirou seus altares suntuosos, chão de mármore e bancos de madeira de lei. Do altar-mor, São João Marcos o olhava e até mesmo pareceu lhe dar uma piscadela. Cruzes! Rachid foi então até a pia de água benta, benzeu-se e em uma prece silenciosa, pegou seu canivete e pediu licença ao santo para dar uma raspada no rodapé e achar o alicerce de pedra que acabaria de vez com suas preocupações.

Mas ele não estava lá, não havia nenhuma pedra

naquele alicerce. Apavorou-se de vez! *Será?*

O dia 27 de Setembro chegou e teve quermesse e festa para São João Marcos. Músicos enchiam as ruas com seus instrumentos de percussão, flautas e acordeões. Rachid fez a sua parte tocando com sua rabeca um “corridinho” de origem algarvia.

Ia tudo muito bem até que chegou a hora da missa. Rachid chegou à porta e pensou... *E se a igreja caísse?* Teve uma crise de pânico e não entrou de jeito nenhum, assistiu à missa de pé e do lado de fora.

Foi assim que tudo começou. Desse dia em diante Rachid passou a assistir às missas domingueiras sentado num banco do lado de fora da Igreja de São João Marcos, e não houve santo que o convencesse de que aquela história de igreja nascida do chão era somente uma lenda e nada mais!

O tempo passava. Todo Domingo lá estava Rachid assistindo à missa sentado no seu banquinho do lado de fora da igreja. Até aí nenhum problema, não fossem as brigas com o padre Bento José para que pregasse o sermão um pouco mais alto, pois como Rachid dizia: Lá de fora não consigo escutar nada! Ao que o padre retrucava. *Então entre, “homi de Deus”!*

Assim foi que, ano após ano, Rachid se recusou veementemente a entrar na Igreja de São João Marcos. Se ela caísse, pensava, não ia ser em cima dele! *Ora essa, onde já se viu fazer uma igreja sair diretamente do chão sem*

alicerce de pedra para sustentá-la?

A virada do século XIX foi muito comemorada e na missa daquele dia Rachid finalmente chegou à porta da igreja e deu uma boa olhada nela. Dormiu, sonhou com castelos medievais e igrejas saindo do chão e, na manhã do dia seguinte, foi encontrado morto em sua cama com um enigmático sorriso nos lábios. *Será?* Rachid foi enterrado em um dos cemitérios locais de São João Marcos.

Desde então muitas coisas tristes aconteceram em São João Marcos, entre elas a destruição da cidade e de sua igreja no início da década de 1940.

Em 2009, já no século XXI, assim como Rachid, uma arqueóloga ficou perplexa quando pesquisou exaustivamente o solo em busca dos alicerces da Igreja de São João Marcos e não os encontrou. Sabia que as paredes tinham sido construídas em taipa de pilão, uma antiga técnica construtiva trazida pelos portugueses para o Brasil no período colonial. Havia até mesmo a informação de que a Igreja de São João Marcos fora a única construída no Rio de Janeiro com esta técnica, mas e os alicerces? Não havia alicerce de pedras na Igreja? Como assim? As pessoas locais falavam da possibilidade de elas terem sido roubadas do sítio arqueológico nos setenta anos em que perdurou o abandono.

Quis o destino, e quem sabe a alma de Rachid,

que em 2014 essa mesma arqueóloga viajasse de férias para Portugal e fosse justamente para a região do Algarve.

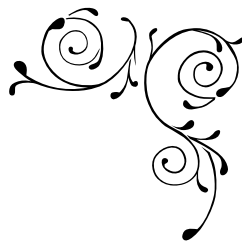
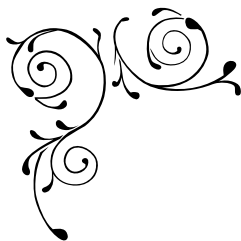
Passeando pelo distrito de Albufeira, foi convidada a conhecer um antigo castelo medieval, hoje sítio arqueológico - O Castelo de Paderne.

Surpresa, Rachid!

O castelo de Paderne no Algarve, construído pelos seus antepassados mouriscos no século XI, foi sim, construído sem alicerces de pedra. Nasceu diretamente do chão em alicerce de taipa de pilão, uma técnica desenvolvida pelos mouros e levada para Portugal durante as invasões ali ocorridas no período medieval e suas paredes, de até quatro metros de espessura, pasme!, estão de pé até hoje.

E então, a arqueóloga, diante deste fato, chorou de emoção ao lembrar da Igreja de São João Marcos no Brasil. *Então foi isso! Ela também foi construída sobre alicerces de taipa de pilão, nasceu do chão e ali morreu.*

Durma em paz, Rachid! A Igreja de São João Marcos só caiu porque foi criminosamente dinamitada em 1940. Ela poderia estar de pé até hoje.



Luzia Lucia da Silva Araújo

A História de São João Marcos vista por um Caipora

Eu via toda maravilha da minha mata e vivia feliz. Meus animais corriam livres e fortes: a onça pintada, a paca, a jaguatirica, o gato-do-mato, o tatu, o porco-do-mato e uma infinidade de outros bichos menores, bichos que voavam e construía seus ninhos nas altas árvores, bichos rastejantes, que pulavam e aqueles que viviam nas águas dos rios. Tudo era perfeito.

Havia também uns homenzinhos, que andavam nus e se enfeitavam com penas de passarinhos. Tinham o corpo pintado com tinta feita de meus frutos e da casca de minhas árvores. Eles não paravam muito em um só lugar. Viviam de um lado para outro caçando e pescando. Seus acampamentos eram rústicos, de forma que não duravam muito. Logo, tudo era restituído à natureza. Usavam um arco que chamavam de bodoque, com o qual jogavam pedras em suas presas. Eu os via com tolerância e até os protegia, pois eles respeitavam a mim e a minha mata e

dela só pegavam o que precisavam para viver.

Muitas luas se passaram sem que nada mudasse, até que uma vez, quando uma lua foi dormir e o sol brilhou, acordei e senti no ar um cheiro estranho. Não era de meus bichos e nem dos homenzinhos. Esperei e logo vi estranhos homens brancos que dominavam animais e os chamavam de cachorros, mulas, cavalos, burros e muitos outros. Andavam aproveitando as trilhas feitas pelos homenzinhos na mata, porém as alargavam mais, para dar passagem a seus animais e suas tralhas.

Com espanto percebi que aqueles estranhos homens não iriam embora, pois começaram a fazer estranhas casas que duravam muito. Abriram trilhas muito grandes que chamavam de estradas e colocaram nomes e tomaram para si a minha mata. Ouvi falar de um rei e de um príncipe, e a tudo assistia curioso e preocupado.

Os homenzinhos começaram a sumir, não se adaptaram àquele modo de viver e fugiram para as altas serras de difícil acesso. Alguns ficaram doentes, com doenças que o homem branco trouxe e que eu nunca tinha visto.

Eu não entendia muita coisa e vi com espanto aqueles homens brancos derrubarem a mata. Senti a dor de cada árvore tombada, de cada bicho que morria. Aqueles homens também caçavam, mas não com arco,

eram com armas de fogo que tinham o estrondo do trovão. Usei de minhas artimanhas para afastá-los, confundia-os na mata, batia em seus cachorros, mas nada os detinha.

Eles cresceram e se tornaram muitos e fortes, outros homens negros como a noite faziam o trabalho mais árduo, e eram tratados de maneira diferente, às vezes apanhavam, eram torturados com estranhos objetos, mas ao contrário dos homenzinhos, continuavam ali e também cresciam e se misturavam com os homens brancos, ficando sua pele negra desbotada. Os brancos os chamavam de mestiços.

As luas passavam e vi chegar mais e mais homens que diziam:

-Sou o dono desta terra!

Dividiram-na e a chamaram de fazendas e se tornaram grandes. A minha mata cedeu lugar às plantas que eles trouxeram.

Um deles mandou construir uma casa diferente e colocou o nome de Igreja de São João Marcos. Era muito luxuosa e seus altares eram enfeitados com o brilho do sol. Como era bonita! Nesta casa aquela gente se reunia, cantava e falava com alguém que eles não viam. E prometiam ser boas e viverem bem ou pediam perdão pelos seus erros.

Foi neste momento que eu me afastei. Fui para o alto das serras onde ainda havia animais e mata, onde

eles não mexeram. Fui embora! Fui olhar lá de cima o meu paraíso invadido. Não estava zangado! Alguns homens aos poucos iam aprendendo alguma coisa e até me levavam oferendas: fumo e cachaça que eu aprecio muito. Respeitavam os dias que não podiam entrar em minha mata para caçar e foi por esses homens que eu parei de lutar e entreguei minha terra.

Em volta da igreja dedicada a São João Marcos, foram sendo construídas mais e mais casas. Eles as chamavam de: comércio, cadeia, hospital, clube e teatro. Construíram também trilhas cobertas de pedras, que chamavam de ruas para ligar as casas. Nem um rio que estava no caminho os atrapalhou. Fizeram um caminho por cima dele e chamaram este caminho de Ponte Bela. Ficou bonita!

Com seu arco feito de pedra, deixava passar meu rio que corria feliz. Eles fizeram uma coisa que eu gostei, chamada praça. Lá nesta tal praça, as minhas árvores cresciam muito belas e eles sentavam à sua sombra. Meus pássaros voavam e cantavam felizes, enquanto suas crianças corriam barulhentas como uma revoada de passarinhos presentindo a chegada da lua. O vilarejo prosperou tanto que se tornou uma bela cidade. Os morros e as verdes serras emolduravam-na. E lá de longe, eu a acompanhava, vigiando sem cessar com meus olhos de fogo, lua após lua. Tudo nela respirava! Era pulsante! Era vida!

Os homens aumentaram mais e mais e eram alegres, riam, dançavam e tinham orgulho de tudo que construíram. Mas, o que eles não sabiam é que suas fazendas não eram tão perfeitas assim e que eles não eram invencíveis. Ainda tinham muito que aprender com minha natureza.

Muitas luas passaram e a terra se cansou, já não dava frutos como antes, aqueles homens a usaram até a exaustão. Alguns já estavam desistindo e indo embora, a terra devolveia agora a sua dor. Os homens negros, certo dia, também foram embora e as fazendas em volta estavam ficando abandonadas e tristes.

Outros homens vieram e fizeram uma coisa estranha que chamaram de represa. Juntaram uns rios e o desviaram do lugar, cercando-os com uma coisa cinzenta. Diziam que precisavam fazer isto, para um tal progresso. E que outra cidade, mais importante, precisava daquela água para viver.

Fiquei tão preocupado que larguei minhas verdes serras e voltei para perto da cidade. Vi quando as águas invadiram as terras, devoraram as fazendas que os homens construíram e mataram meus animais. Não se preocuparam em ajudá-los e, juntamente com as árvores, muitos jaziam sem vida no fundo das águas. Outros, sem força para subir os morros, acabaram morrendo pela beira da grande represa. Seus corpos putrefatos atraíam moscas e mosquitos.

Estava furioso, queria vingança e urrei de dor empunhando minha lança para o céu azul da serra. Tentei ressuscitar meus animais, mas já não eram meus, estavam contaminados pelos humanos que não acreditavam em mim.

Não tardou e minha ira se voltou contra todos os homens, mulheres e crianças. Infestei os mosquitos e os mandei picá-los. Eles caíam como caíram minha mata e meus animais. Ouvia os lamentos, os delírios da febre! Em meio a tudo, corria tão veloz que eles não me viam e se me vissem pensariam ser mais um delírio. Meus assovios cortavam a noite escura e fria do que restara daquela decrépita cidade. Gargalhava da sua dor. Queria minha mata e meus animais de volta. Tudo em vão. Muitos daquela gente morreram da peste que provoquei. Tantos que não havia sepultura suficiente. Eu também estava fraco, tinha me afastado demais da mata e resolvi voltar para as minhas verdes serras. Deilhes as costas e os abandonei à sua dor. E assim passaram mais luas.

O sol já começava a brilhar acima de minhas serras, que permaneciam cobertas com a fumaça branca de meu cachimbo. A neblina, como eles a denominavam, descia e escondia a represa e o que restou da cidade. Havia uma movimentação diferente por lá e, rápido como um raio, desci mais uma vez a serra para ver o que era.

Os homens que restaram faziam festas e diziam que sua cidade seria imortalizada, que tudo seria preservado por seu valor na história, que ela viveria, nenhuma de suas casas e ruas seria destruída. Estavam em festa. Podia ouvir a batida forte e alegre de seus corações.

Lembrei-me de quando os vi pela primeira vez, de suas lutas, do esforço para domar a minha natureza. Da dor que senti quando eles arrancaram minhas árvores e plantaram outros arbustos cheios de frutinhas e flores que exalavam um perfume diferente de todos que já cheirara, das grandes colheitas destas frutinhas, do cantar dos negros. Dos homens brancos com roupas estranhas. Lembrei-me da imensa trilha que eles calçaram com pedras e ia até o mar, do ir e vir das carroças, dos burros carregados de sacas e do estalar de seus chicotes. Lembrei-me dos homenzinhos que aos poucos desapareceram e de todo o horror e devastação das águas que outros homens fizeram errar o caminho.

Mais uma vez decidi deixá-los em paz e voltar para minhas serras com meu cachimbo e algum fumo deixado por aqueles que em mim acreditavam. Só que, não sei como, um caboclo de pele escura, queimado do sol e olhos da cor do puro mel de abelhas me viu. Viu meu cachimbo e as oferendas que eu peguei. Nenhum deles havia me visto antes, só alguns muitos especiais

pressentiam minha presença e tinham medo quando viam seus cachorros arrepiados fugirem. Isto não era nada bom, ia dar azar para aquela cidade que teimava em continuar viva. Parti veloz sem olhar para trás, deixando-os entregues à própria sorte.

A lua desapareceu, o céu estava mais escuro e os luzeiros não apareciam. O frio castigava aqueles homens que se escondiam em suas casas nas longas noites. Havia algo no ar, eles percebiam e ficavam tristes. O vento me trouxe de longe a notícia que, os mesmos homens que fizeram os rios errarem seus caminhos, planejavam acabar com São João Marcos. Diziam mais uma vez:

- É preciso em nome do progresso!

Montei em meu porco e fui andar pela floresta. Ver meus animais e curar os que precisassem de cura, afinal, aqueles homens não eram meus, o meu trabalho era afugentá-los para longe de minha mata, mantendo a salvo deles meus animais. O vento soprou com mais força e uivou em meus ouvidos, um uivo triste. Parei e olhei a cidade lá embaixo e vi a mesma tristeza do vento. Novamente desci a serra e cheguei perto dela, estranhamente senti a mesma dor de quando eles arrancaram minhas árvores e fizeram feridas em meu solo. Percebi que depois de passarem ali tantas luas, eles também fincaram raízes naquela terra, raízes tão profundas como as de minhas árvores. E como fizeram

antes com minha floresta, agora eram arrancados à força daquele lugar. Ouvia seus lamentos de dor e sentia sua tristeza. Clamaram, mas ninguém ouviu. O progresso era mais forte!

Começou a triste derrubada de suas casas, a cada parede que caía sentia o bater forte e doído de seus corações, sentia seus espíritos sangrarem esmorecidos. Só os seus mortos foram transpostos acima das águas. Tudo tinha se findado. Abrigados nos morros eles davam à sua cidade, o último adeus. Tudo ou quase tudo se inundou.

Muitas luas se passaram. A cidade dormia parte no fundo das águas e parte enterrada pelo tempo. As minhas árvores e meus animais voltaram. Em homenagem à cidade, ao seu bravo espírito, eu fiz nascer uma árvore especial com flores vermelhas: cor de sangue. Elas se espalharam por todo o lugar. E as luas foram passando, passando.

A lua se despediu do sol que clareou mais forte inundando toda a serra, as folhas verdes revestidas de orvalho pareciam joias à sua luz. Galopando meu porco percorri toda a minha floresta, tudo estava em paz. Até que um burburinho me chamou a atenção, era o vento que assoviou e me trouxe notícias do fundo das águas.

- A cidade vai renascer, vai ressuscitar!

- Como? Perguntei ao vento.

- Ouvi que homens virão e com muito cuidado pegarão seus restos. Contarão suas histórias! Cantarão suas glórias! E virá gente de todo o lugar para conhecê-la!

Juntei-me ao vento e galopei para a cidade e vi que tudo era verdade, ouvi que aqueles homens falavam em preservar as espécies nativas de minha floresta e impedir que outros viessem para destruí-la. Respirei fundo, e olhando o amigo vento, perguntei:

- Será que eles aprenderam?

O vento rodopiou e subiu as serras uivando, mas desta vez ele estava feliz.

Algumas luas se passaram e o trabalho intenso e cuidadoso daqueles homens não cessava. Até que chegou o grande dia! São João Marcos voltava para a história e recebia seus primeiros visitantes! Pássaros cantavam alegres dando-lhes boas-vindas, o vento desceu das serras e se misturou às águas para refrescá-los e vi muita gente nova que eu não conhecia. Vi os homens brancos, os negros e um monte de misturas que só uma natureza exuberante como a nossa faria.

- Eu disse: Como a nossa?

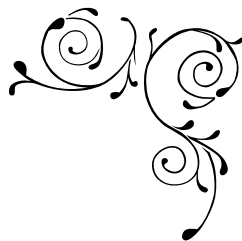
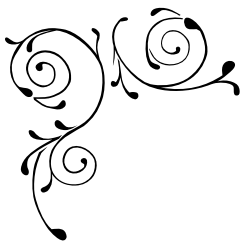
- Ah! Ah! Ah! É que descobri que também sou parte deles e eles de mim, pois se existo é porque eles acreditam. Somos partes da mesma natureza!

O sol estava indo embora, e eu me preparava para subir com ele as serras, quando vi um caboclo de

pele escura queimado do sol, olhos da cor do mel de abelhas, que andava de um lado para o outro, explicando para um bando de crianças o que era “Sítio Arqueológico”. De repente ele parou, olhou as serras, o sol escapando e, rindo, falou:

- Como dizia meus antepassados: vamos, vamos que tá na hora do caipora ir pitar!

Então, subi as serras junto com o vento e lá de cima soltei longas baforadas de fumaça que encobriu toda a serra.



Maria Amélia Neves Gonçalves

Anastilose

Matias chegou no mesmo dia dos demais operários para trabalhar no projeto de requalificação do Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos.

Sem muito ânimo ouviu a palestra na oficina de consolidação sobre a transformação e qualificação do Parque.

Recebeu a cartilha e livros sobre a história do lugar sem muita convicção da importância daquele material.

Mathias passava por um momento difícil em sua vida. Havia desânimo e preocupação em sua mente.

Foi com os demais operários a campo com um dos engenheiros responsáveis pelo trabalho. A enxada afundava nas pedras e na terra para limpar e preparar tudo.

Era preciso retirar o que não pertencia àquele lugar.

Todo material excedente era recolhido, até que o que antes era “vivo” pudesse se mostrar.

Remover para consolidar a visão do que existia.

As enxadas cavavam com foco no resultado do

vislumbre do que era.

À noite, as mãos anunciavam a dureza do trabalho.

Pegou o livro que ganhou na oficina para que o sono aliviasse o cansaço do dia debaixo de forte sol. Primeiro atentou para as fotos de casas e cenas do cotidiano das pessoas que um dia ali moraram.

Ouvira o engenheiro dizer que as fotos eram a base para remontar o lugar.

Como poderiam resgatar algo já destruído há tanto tempo?

Era sua primeira experiência com escavações arqueológicas, estava acostumado a preparar terreno para construções de prédios, casas, escolas, igrejas. Construir algo do nada. Mas ali, era reconstruir o que fora passado.

Pensou em seu próprio passado. Jovem com sonhos de progredir e formar-se em engenheiro.

Casou e assumiu muitas responsabilidades, principalmente com o nascimento de seu primeiro filho.

A vida real era a exigência de leite, fraldas, alimentos e aluguel. Não podia mais viver dos sonhos.

Os sonhos ficaram para depois.

Duas semanas antes de vir, sua esposa anunciara a chegada do segundo filho, ainda em seu principiar. O que fariam? Qual a decisão? Teriam o filho? E os seus sonhos?

Nos dias de trabalho que se sucederam, Mathias

via peças sendo encontradas, analisadas, estudadas e recolocadas para voltar a parecer o que era antes.

Ele também precisava encontrar as peças certas para recompor sua vida.

Remontava estes elementos de sua vida na esperança de ter a resposta para sua indecisão.

Em cada oito do trabalho era anunciada uma ou outra peça que estava instável e seu cuidado merecido.

A atenção era redobrada, pois materiais instáveis poderiam pôr abaixo todo trabalho de reconstrução.

Instável também era seu coração.

Precisava decidir o que fazer em relação à gravidez da esposa.

Mais um filho significava que seus sonhos seriam apenas adiados e sim deixados para sempre. Como aquele povoado que ficou esquecido.

A vida de pessoas destruídas por águas que ali nunca chegaram.

Vidas deixadas para trás.

Como poderia mais uma vez deixar-se para trás?

Martelos soterravam seus pensamentos e gotas de suor o alertavam da exaustão do corpo e do espírito.

Ouvia cantos de pássaros que arrematavam sua dor, saudade e indecisão.

Sentia que sua própria história era revolvida junto com a história daquele lugar.

Quantos dilemas, dores, alegrias, sonhos e

esperança aqueles antigos moradores sentiram?

Quais decisões tomaram e arrependeram-se ou não?

À noite, pareceu ouvir vozes em sua cabeça. Mas não decifrava. Dormiu.

Em sonho viu-se em um dia de alegria e festa.

Viu bandoleiras e reconheceu que estava na São João Marcos do passado.

A igreja matriz a badalar o sino.

Pessoas rindo e cantando.

Crianças correndo pelos canteiros da praça.

As fotos do livro eram agora espaço onde andava sem muita preocupação, parecia que sentia apenas as boas vibrações do lugar.

Reconheceu-se ali, como mais um morador.

Sentou-se perto da casa do capitão-mor e percebeu que alguém o seguira indo em sua direção. Não houve preocupação, mas satisfação em lhe falar.

Era alguém querido e conhecido seu, mas não conseguia definir quem.

Este lhe dissera algumas palavras; entre elas, apenas lembrou que o homem de chapéu cinza apontara para o cemitério e afirmava que enquanto a vida caminhava nada era impossível de ser realizado e disse também que bastava ter fé, chamando-o de meu filho.

Da mesma forma que se aproximou, o homem

afastou-se lentamente, sem pressa em seus passos.

Acordado, ainda embevecido pelo sonho, sentiu leveza e foi tomado por uma sensação de tranquilidade que há muito não sentia.

Durante os últimos dias de trabalho ouvira e aprendera muito com a reconstrução daquele lugar.

Em uma das tardes, acompanhado por alguns colegas, assistiu um documentário sobre o Parque, e uma expressão usada pelo historiador o deixou ainda mais esperançoso. O mesmo dissera que a cidade de São João Marcos fora arrasada “a rés do chão”, e ele agora via que com o trabalho de transformação a cidade voltara a ser vista, ainda que em contornos diferentes.

Sua vida também tomara novos contornos.

Em seu último dia andou por todos os monumentos em recuperação, sentiu a energia do lugar, não havia ali as assombrações que alguns companheiros tanto temiam encontrar, mas sentia que encontrara ali algumas respostas para sua vida.

Toda sua vida aflorava a cada pedaço de terra que removia, era como se trouxesse da terra força para ele próprio.

Não sentia mais que sua vida era uma peça caída. Sua vida estava restaurada, todas as partes do passado e presente encaixadas.

Futuro?

Era tomado de esperança quando pensava nele e

nas possibilidades.

Quando sua filha nasceu, recebeu a visita de sua avó, que viera conhecer a bisneta recém-nascida.

Em conversa com a sua avó, comentou sobre a bolsa que conseguira para fazer a faculdade, de seu último trabalho na reconstrução de São João Marcos e enquanto explicava onde era, a história que ficou sabendo, viu sua avó derramar lágrimas e, ao perguntar o que acontecia, ela tirou da bolsa uma foto de família e disse:

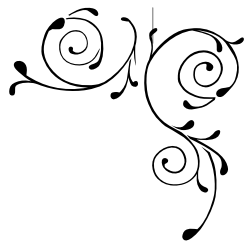
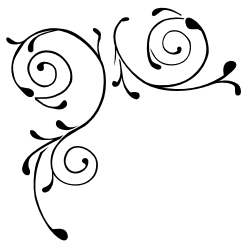
- Eu sei, meu neto, eu e minha família estávamos lá.

Mathias olha a foto e reconhece o homem de chapéu cinza. Assustado e sem entender pergunta para a avó:

- Quem é ele?

- Meu pai, seu bisavô.

Matias embala a filha e chora.



Hedjan Costa da Silva

Causo do meu tio-avô contado uma única vez

Diz uma coisa, meu filho. Acha que seria capaz de esquecer a coisa mais estranha que já viu na sua vida? Eu nunca contei essa história pra ninguém, então parei de pensar nela. Só agora, depois desse tempo todo, fui me lembrar... Culpa da sua mãe que fica lendo pra mim as coisas que ela vê nessa tal de internet. Mas é engraçado como as coisas que nos assustam quando somos jovens vão perdendo a força com o tempo... O tempo vence tudo...

Já te contei um monte de causos e você já é homem feito. Já deve saber que nem todos eram tão verdadeiros assim. Eu que sou muito sortudo por ter um sobrinho-neto com paciência para ouvir todas as minhas histórias de velho... Mas um dia você vai entender uma coisa: os anos vão passando e a gente acaba tentando ser imortal passando nossas histórias para os que vão ficar.

Mas pode deixar que essa história eu só vou contar uma única vez.

Era 1941. Na época eu tinha uns 14 anos. Já tínhamos nos mudado de São João Marcos... Eu, meus pais e meus irmãos... Seu avô ainda não tinha nascido. Por sorte tínhamos parentes em Passa Três. Assim foi mais fácil montarmos pouso na casa deles até o pai construir nossa nova casa... Nem todo mundo teve a mesma sorte. Essa coisa de esvaziar a cidade por causa da barragem pegou todo mundo de surpresa. Muita gente achava que ia viver, morrer e ser enterrado ali.

De qualquer maneira eu não estava gostando da cidade nova. Ajudava seu bisavô na carpintaria, sua bisavó com as galinhas, e a construir a casa também. Mas a verdade é que sentia falta dos meus amigos e da minha cidade. Acho que foi por isso que não titubeei em seguir Solano quando ele apareceu por lá me procurando.

O Solano era mais velho do que eu. Já tinha 16 anos e a família dele foi uma das primeiras a sair de São João Marcos. Trabalhavam todos numa fazenda de café que foi uma das primeiras a ser desocupada e demolida. Nossas mães sempre foram amigas e acho que amizade também se herda.

Ele contou que um homem tinha chamado pra um serviço. Nunca soube por que o tal fulano chamou logo Solano. Acho que nem o coitado do Solano sabia... O tal homem queria pegar uma coisa que tinha deixado lá em São João Marcos, mas precisava de mais

duas pessoas pra ajudar. Tentei assuntar pra descobrir mais coisas, mas Solano não sabia mais nada, só que o homem ia nos pegar dali a dois dias para levar até a cidade.

Não precisou muita conversa pra me convencer. Consegui pensar numa história pra contar pra sua bisavó que não deixasse a coitada muito preocupada. E foi bom que não precisei falar nada com o pai. Ele ia desconfiar. Ele sentia cheiro de mentira longe.

No dia seguinte, bem depois do almoço, eu e Solano seguimos pela estrada em direção a São João Marcos. O tal que nos contratara tinha combinado com Solano de nos pegar no meio do caminho. Conseguimos carona em um carro de boi.

O sol já estava se pondo quando o tal cara chegou num caminhão “fenemê”. Fiquei aliviado. Já estava achando que algum gaiato havia pregado uma peça em nós dois.

Quando o caminhão chegou e Solano foi falar com o motorista, vi a cara do tal sujeito. Era o Zé Santarém, filho de um fazendeiro da região. A família dele tinha muito dinheiro, mas ele tinha dedo podre pra amigos.

Subimos na caçamba do caminhão. Nos ajeitamos como pudemos e fomos embora.

Algum tempo depois chegamos nas cercanias de São João Marcos. O Santarém estacionou o caminhão

perto de um barranco, atrás de um monte de árvores. Depois pegou algumas tantas sacolas grandes de lona e nos entregou. Quando vi o caminhão parado ali, escondido, carregando aquelas sacolas e de noite, comecei a me arrepender de ter ido. Sua bisavó sempre disse que se você for fazer alguma coisa escondido, melhor não fazer.

Pegamos as trouxas e começamos a caminhar para a cidade. Já estava escuro. Tinha uma lua bonita no céu, mas nem ela ajudava a iluminar muito aquele breu. Santarém acendeu um lampião de querosene e voltamos a caminhar.

Algumas casas ainda estavam de pé, mas a maioria já tinha sido derrubada. Lembro de uma que ainda estava de pé: graças à lua cheia eu podia ver as torres redondas da Igreja da Matriz contra o céu estrelado. Lembro que fiz o sinal da cruz quando passamos pela Praça da Matriz, mas depois me arrependi. Eu sabia que estava indo fazer alguma coisa errada.

Santarém ia na frente pisando duro. Apertávamos o passo atrás dele pra não ficar no escuro. Não tinha ninguém que pudesse ver a gente, os operários só iam voltar no dia seguinte. Mas o Santarém parou algumas vezes como se tentasse escutar algo. Acabávamos imitando ele, mas o que restava da cidade estava tão silencioso que se tivesse alguém escondido ali naquele escuro, nós ouviríamos.

Até hoje me arrepio quando lembro aquela caminhada. As casas que estavam de pé pareciam caveiras de gado, com os olhos vazios nos vigiando. Evitei olhar pra eles. Uma hora vi a cara do Solano. Ele estava tão branco que parecia que tinham coberto ele com farinha. Era estranho pensar que dois anos antes eu tinha ficado acordado até o dia raiar, comemorando o tombamento da cidade, dançando e vendo os fogos no céu.

Santarém parou de frente a uma casa modesta. As janelas e a porta tinham sido fechadas com tábuas. Demos a volta na casa. Tinha uma corrente grossa com um cadeado quase do tamanho de uma manga na porta que ficava ali nos fundos. Achei que íamos arrombar, mas Santarém tirou uma corrente do pescoço. Tinha uma chave presa nele. Antes de abrir, ele me deu o lampião. Maldita hora que peguei aquilo. Quando ele tirou a corrente, tive que entrar primeiro.

Entrei quase empurrado pelos outros dois. Lá dentro parecia um chiqueiro. Os móveis estavam jogados. Tinham revirado tudo ali. Roupas, restos de comida, pás e picaretas pelo chão. E o fedor ali dentro era horrível. Era uma mistura de suor rançoso, comida velha e fumo de rolo.

Entramos em um quarto que não sei pra que servia. Tinha um monte de panelas jogadas pelo chão, mas também havia peças de roupa rasgadas. Vi uma

pilha de lenha em um canto, que batia na altura do meu peito. Santarém começou a tirar elas dali, jogando na direção da sala. Chamou a gente pra ajudar. Levou muito tempo pra tirarmos tudo. Quando acabou, estávamos encharcados de suor. Aí deu pra ver um alçapão ali no chão. Estava escondido embaixo daquilo tudo.

Foi aí que o Santarém falou com a gente. Falou bem baixo e tivemos de chegar mais perto pra entender. Disse que lá embaixo havia um baú grande cheio de coisas que valiam muito dinheiro. Falou que eram coisas da sua família que tinham sido surrupiadas. Encheríamos as sacolas e, quando chegássemos no caminhão, dividiríamos tudo.

Quando ele falou sobre as coisas da família dele terem sido roubadas, lembrei que o Santarém costumava ser visto com Eusébio, um homem de má fama na cidade. Diziam que ele era capaz de roubar qualquer coisa que pudesse carregar e, quando não podia, pedia ajuda. Falavam coisa pior: que ele aprendeu isso com o pai, que tinha roubado muito defunto na época da epidemia de malária, Deus que me perdoe. Na hora fiquei me perguntando se o tal Eusébio não teria tentado enganar o Santarém e se teria algo roubado ali dentro.

Santarém puxou a tampa do alçapão e acendeu outro lampião menor, que colocou perto do buraco.

Explicou que lá embaixo era muito escuro e que o lampião ali serviria pra nos orientar quando voltássemos. Pegou o lampião que estava comigo e agradeceu a Deus. Não ia ser eu na frente. Ele entrou no buraco devagar e fomos logo atrás.

Lá embaixo era um arremedo de porão. Alguém teve bastante trabalho cavando um bom espaço ali. As paredes estavam escoradas com pedaços de madeira e o chão era de terra batida. E estava atulhado de coisas. Vi uma bobina de tecido grande, coisas de jardinagem, selas de cavalos, ferraduras, ferramentas de obra... Parecia um depósito.

Santarém foi andando pelo meio daquele monte de coisas e fomos atrás. Não dava pra saber o tamanho certo do lugar, mas devia ser quase o tamanho todo da casa. Fiquei pensando quanto tempo deviam ter levado pra cavar aquilo tudo. E mais coisas iam aparecendo. Instrumentos musicais, coisas de hospital, roupas, fantasias de teatro... Eu vi até uma bandeira de um desses países do estrangeiro jogada em uma pilha de mais coisas.

Santarém parou e apontou um canto. Vimos o tal baú. Era maior do que eu havia pensado. Um homem caberia ali sem precisar se encolher muito. Santarém abriu e começamos a encher as sacolas. Havia mais coisas ali do que Santarém disse. Vi coisas que deveriam estar em igrejas, Deus que me perdoe.

Castiçais, cálices, imagens de santos... Só conseguia pensar numa coisa: “Eu estava ajudando um ladrão e vou pro inferno!”.

As sacolas estavam na metade e o cheiro de querosene do lampião me revirava o estômago. Estava tão preocupado em terminar tudo que nem reparei que Santarém tinha deixado Solano e eu sozinhos. Só percebi isso quando ouvi o tal amaldiçoado em um dos cantos. Segurava uma vela e estava abaixado. Ele gritou pra que levássemos o lampião até ele. Quando iluminamos onde ele estava, vimos que ele estava olhando um tapete muito grande e enrolado. Era um desses tapetes turcos ou persas, cheios daqueles desenhos bonitos e que valem um dinheirão. Ele deu um chute no tapete que se desenrolou como uma língua de sogra. E disse: “Está vazio!”.

Foi então que ouvimos um ruído estranho. Santarém se levantou de um salto e ficamos escutando. O tempo todo em que estivemos ali só ouvíamos o som dos nossos passos, das nossas respirações e das coisas que jogávamos nas nossas sacolas. Agora tinha um som diferente, como se algo se mexesse ali dentro, esbarrando desajeitado nas coisas que se atulhavam ali embaixo.

Santarém mandou que pegássemos as sacolas e saíssemos logo dali. Tomou o lampião do Solano com violência e dizia para irmos mais depressa. Nem

dissemos que não tínhamos terminado. Só a cara dele de assustado nos convenceu a fugir rápido.

Santarém ia na direção do alçapão quando alguma coisa acertou o coitado. Ele caiu no chão desorientado. Achei que ele tivesse trombado em alguma das coisas que estavam ali, mas senti um golpe de ar, como se algo tivesse sido jogado nele. Por sorte o medo tinha feito Solano ficar mais atento. Ele conseguiu pegar o lampião que o Santarém derrubou na queda antes que alguma coisa ali pegasse fogo.

Ajudei Santarém a se levantar. Na queda ele tinha espetado a perna em uma enxada que estava jogada ali. Tinha feito um corte feio na perna e estava sangrando. Ajudamos o pobre a levantar e continuamos indo pra saída. Eu ia ajudando o Santarém. Podíamos ver a entrada do alçapão chegando perto. A luz do outro lampião que estava na boca do buraco sumiu e gritamos. Alguém fechou o alçapão.

O Santarém começou a gritar pro escuro como um possesso:

- Eu te matei! Eu te matei antes!

Foi aí que eu quase mijei minhas calças. Alguma coisa rosnou naquele breu como se respondesse pro Santarém.

Pra mim foi demais. Eu e Solano corremos na direção do alçapão. Quando o achamos, empurramos ao mesmo tempo. Ele abriu fácil.

Solano foi o primeiro a sair com um pulo. Fui logo atrás, com mais dificuldade. Voltamos pra ajudar o Santarém a subir, mas quando a luz iluminou lá embaixo vimos que o Santarém não estava sozinho. Tinha alguma coisa prendendo ele. Dois braços tinham agarrado o Santarém, como se abraçassem o infeliz por trás. Mas não parecia braço de pessoa... A cor estava errada. Não era cor de pele de gente nem de bicho que eu conhecesse. A pele parecia um cinza bem sujo... Só que também não era pele aquilo... Parecia uma folha seca... Só que cinza...

Eu e Solano ficamos que nem duas árvores ali, grudados no chão. O Santarém lá embaixo parecia tentar falar alguma coisa, mas pela cara dele, acho que já tinha perdido o juízo. A coisa lá embaixo se mexeu um tiquinho pro lado pra nos encarar. Vimos a cara do bicho. Só que não era um bicho. Era o Eusébio. A cara dele estava da mesma cor que o braço. Até os olhos eram cinza-sujo... E secos que nem uma folha caída de árvore. Na hora pensei “Virgem Maria! Eusébio virou uma coisa seca!”.

A Coisa-Eusébio deu um rosnado pra gente babando uma espuma que nem um cão danado. Depois gritou. Foi o bastante para que eu e Solano saíssemos dali correndo. Corremos como se a coisa estivesse atrás da gente e só paramos quando não aguentávamos mais. Mas não ficamos parados muito

tempo. Andamos até Passa Três. Chegamos lá cedo e cada um foi pra sua casa. Não falamos nada nem durante a corrida nem nunca mais. Não falei nada com meus pais e eles devem ter visto algo na minha cara, porque nunca perguntaram o que tinha acontecido.

Depois acabei escutando um disse-me-disse na cidade. Um dos operários da demolição contou que uma casa tinha pegado fogo uma noite. Contou isso como piada, porque foi uma casa a menos para eles derrubarem. Lembrei do lampião de querosene que estava com Solano antes de sairmos correndo e que ele deve ter jogado de qualquer jeito lá dentro. Se acharam o caminhão do Santarém ou se alguém deu pela falta dele, nunca soube de nada.

Agora fiquei sabendo que as pessoas estão voltando para São João Marcos... Sua mãe me mostrou a notícia... As águas recuaram e a cidade apareceu de novo.

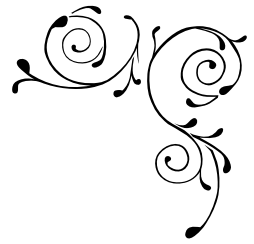
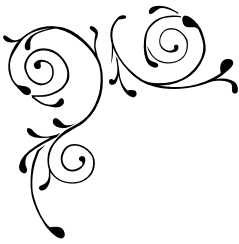
Fiquei pensando se um dia alguém vai encontrar aquele buraco cheio de tesouros... Os donos dessas coisas já morreram, então acho que quem achar vai ser o novo dono.

Achei que isso tudo ia ficar sepultado pra sempre. Pelas águas da represa e pelas águas do tempo. Errei duas vezes.

Tem outra coisa. Sempre achei que o Eusébio tinha ficado satisfeito em levar só o Santarém pra ficar

junto dele, por isso nunca saiu daquele arremedo de porão pra assombrar a região. Sempre achei que ele e Santarém tinham algum tipo de conta a acertar. Isso me fazia dormir tranquilo nas noites mais escuras.

Nisso eu espero de todo o meu coração não estar errado.



Giano Santos Viana

Maldição Sagrada

- Não vou fazer isso. - dizia o operário, com uma marreta na mão.

- A igreja, não! Não tenho coragem.

- Na verdade, estou morrendo de medo. - afirmava seu companheiro de trabalho, diante da imponente Igreja Matriz.

- Medo? Medo de quê? Eu tenho é respeito. Frequentei essa igreja quando era guri. Sou marcossense. Minha mãe casou aqui. Você está com medo de quê, homem?

- Então, você não sabe da maldição?

- Não. - respondeu com a feição curiosa, coçando sua testa suada.

- O povo está dizendo que, quem derrubar a igreja, ficará corcunda para sempre.

- Como se fosse um feitiço?

- É.

- E você só me fala isso agora? Não derrubo essa igreja por nada nesse mundo. Com essas coisas não se

brinca. Quando acabamos de derrubar aquela casa ontem, eu fiquei cheio de dor na coluna. Não quero ficar corcunda...

- A igreja é diferente. Igreja é sagrada!

Com arquitetura maneirista, típica dos jesuítas, e barroca, a Igreja Matriz começou a ser construída em 1796 e, agora com 147 anos, era o último local a ser demolido na cidade, para ser tomado pelas águas da represa.

Os operários voltaram para a sede da empresa e foram explicar o ocorrido ao chefe.

- Como assim vocês não vão derrubar? A ordem está dada! - esbravejava o diretor da companhia com os dois funcionários que deveriam estar destruindo a igreja naquele momento.

- Mas Doutor, a igreja é sagrada. E a gente está com medo da maldição. - ponderou com voz amena um operário, enquanto o outro permanecia ao seu lado, de pé, com a cabeça baixa e com os dedos das mãos entrelaçados na altura da barriga.

- Que maldição, que nada! Já ouvi essa história. Vocês dois, tratem de voltar agora para lá e só me apareçam aqui quando terminarem o serviço.

Os dois voltaram para a igreja e novamente ali estava ela, imponente, olhando para eles. Sua construção sólida contrastava com o resto da cidade. Começaram o serviço. Marretavam com vontade.

Agora com sangue mais quente, deixaram a suposta maldição um pouco de lado, no entanto, quanto mais faziam, mais a igreja resistia, parecia não querer um fim assim, tão melancólico.

A experiência na derrubada de outras construções não estava sendo suficiente para levar a igreja abaixo. Trabalharam por alguns dias e, percebendo que sua empreitada não iria em frente, voltaram à sede para falar com o chefe novamente.

- Não acredito que vocês voltaram! - resmungava o chefe.

- Doutor, não estamos conseguindo, a igreja é muito firme. Não estamos dando conta.

- Já chega! Não tenho mais tempo a perder. Vou chamar um especialista para dinamitar a igreja e acabar de vez com essa história.

Os dois ficaram sorridentes, olhando um para o outro, ao saber que não iam mais correr o risco de serem atingidos pela maldição.

- Pronto! Já mandei chamar o Senhor Dudu de Rio Claro. E vocês dois, tratem de acompanhá-lo para o que precisar. - disse o chefe, observando a aparência, agora triste, dos dois funcionários.

É chegado o momento. O Senhor Dudu, com seu capacete azul, começa a distribuir dinamites por partes estratégicas da igreja, com ajuda dos dois funcionários.

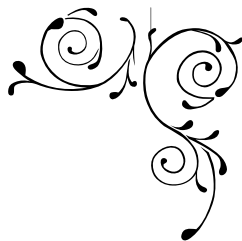
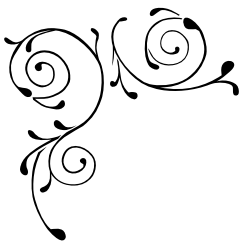
- Seu Dudu, o senhor não tem medo da maldição?

- Que maldição, rapaz? Sou um perito em explosões. Agora se afastem daí que vou mostrar como é que se faz.

Ainda com seu capacete azul na cabeça, acendeu a dinamite.

A igreja veio abaixo. Tudo virou entulho. Tudo sumiu, inclusive o capacete.

Dizem que o capacete foi parar nas suas costas quando a dinamite explodiu. Isso explicaria o porquê do Senhor Dudu ter ficado corcunda exatamente na hora da explosão.



Ivanilton Tristão Pereira

O Músico da Freguesia

Lufrido Nolasco era o homem do esbanjamento. Boa pinta. Bem transado. Gostava de falar difícil e andar alinhado. Anunciava aos quatro ventos que era conhecedor dos acontecimentos. Amigo de barões e viscondes. Galanteador das damas e dondocas da alta sociedade. Alardeava ter sentido o perfume de várias delas.

Chapéu de aba larga no alto da cabeça grisalha dos anos de experiência. Terno Bonnefroy, de corte estiloso. Sapatos Bonhomme, de sapateiro talentoso, estabelecido na Rua da Ajuda, na Corte.

Dizia-se muito conhecido lá pelas bandas da Freguesia de São Tiago de Inhaúma. Era o rigor da elegância em pessoa. Falastrão. E ainda por cima, prosa como ele só. Achava-se com o “rei na barriga”.

Corria o ano de 1844. O município de São João do Príncipe - fundado por João Machado Pereira - era uma próspera cidade. Havia em seus limites, já nessa época, teatros, hospitais, dois clubes, correios e duas escolas.

Terras pelas quais até D. Pedro I havia passado e nas quais se abrigara em sua ida a São Paulo, onde proclamou a Independência do Brasil. A cidade fervia.

A praça de formato retangular, arborizada e em frente à Igreja Matriz, era local de encontro de todas as instâncias. Tanto encontros comerciais quanto sociais eram realizados ali, principalmente nos finais de semana e após a missa dominical da manhã. Era onde as pessoas se viam, onde se sabia de tudo e de todos.

Depois de andar por toda a cidade, falar com toda a gente, entrar em todas as lojas, Lufrido teve, ainda, tempo de participar da missa. Aprumado, pegou o missal, sentou em um lugar no banco da primeira fileira e acompanhou a cerimônia do padre Bento. Fez o sinal da cruz, emitiu um “amém” entre os dentes, incomodado com a demora, e saiu.

Saiu porta afora da igreja. Foi até a praça tomar um ar, andou de um lado a outro, observando as pessoas. Andou pelas calçadas, entre os jardins, entre os passantes. Sentou no único banco em que havia lugar vago.

Desconhecido na cidade não passa despercebido. Dizem as más línguas que “cidade pequena, inferno grande”. Cidade assim tem uma coisa boa e outra ruim. A boa é que você conhece todo o mundo. A ruim é que todo o mundo te conhece. Nada se faz ou se diz, nem se vai a lugar nenhum sem que os moradores

saibam, mesmo que não sejam vizinhos.

Conversa com um, conversa com outro, fala daqui, ouve dali, até que pediu licença. Tinha que melhorar a aparência. Para isso, pediu primeiro uma informação: queria saber onde ficava o barbeiro da cidade.

Em cidades interioranas, as festas são sempre muito animadas, e em São João do Príncipe não era diferente. Eram poucas e na maioria das vezes em datas de comemorações de santos, aniversário da cidade, no dia do seu padroeiro e em tempo de colheitas.

As festas locais eram concorridas, bailes memoráveis impulsionados pelas bandas existentes na cidade, capazes de tocar por dias e dias seguidos, integradas por músicos residentes.

Em final de colheita, sempre havia uma festa relacionada ao produto de época. Então, as autoridades, os proprietários e os comerciantes locais se reuniam para um festejo geral. Comemoração esperada por todos os moradores do lugar e também dos arredores. Uma das festas mais animadas era a do padroeiro, São João Marcos, que acontecia anualmente, no dia 27 de setembro. A Praça Cinco de Julho, praça principal, ficava lotada, transbordante de gente de todas as classes.

Ao saber o endereço da barbearia, Lufrido para lá se dirigiu, pensando em fazer uma barba bem-feita e um corte impecável em sua cabeleira. Para isso,

contava com a destreza de um bom barbeiro.

Para esse embelezamento capilar, estava a postos Oláo José Pereira, barbeiro experiente, com décadas de serviços prestados à população local. Gabava-se de ser o profissional preferido dos Breves e de ter dado umas penteadas nas madeixas de D. Pedro I, quando este passou pela cidade, a caminho de São Paulo. Ninguém o contrariava nessas asseveradas palavras, embora muitos torcessem o nariz diante de suas histórias.

Chega Lufrido à barbearia – sempre cheia nos finais de semana e, principalmente, em tempos de festas, quando todos, querendo impressionar as moçoilas solteiras, querem se apresentar elegantemente escanhoados.

O gajo, falante como era, para fazer média puxa logo uma conversa com os clientes:

– Boa tarde, meu pessoal! Como estão todos? Sou visitante na cidade, vim para os festejos do padroeiro.

Os presentes ficaram logo de butuca.

– Seja bem-vindo, sente-se! – Gritou o barbeiro, lá do fundo do estabelecimento. E adiantou Olázinho, alcunha do barbeiro:

– Ainda tenho uns quatro ou cinco fregueses na sua frente. O resto são amigos e conversadores, estão aqui de bobeira, somente para saber das novidades da cidade e trazer notícias fresquinhas das ocorrências. Não se acanhe, fique à vontade!, finalizou.

Ao saber que podia ficar à vontade, Lufrido quis logo cantar de galo, falando pelos cotovelos. Sem ainda ter bebido, começou a se gabar, falando, afinal, que era um músico na Corte.

Pronto, o burburinho entre os presentes ficou quente e sem controle! A notícia de que havia um músico da Corte presente espalhou-se imediatamente, chegando aos ouvidos atentos às fofocas nos mais longínquos recantos da cidade. Todos queriam conhecer o dito músico da Corte. Figuras assim eram raras, e não se podia perder uma chance dessas de ficar frente a frente com tal personalidade musical.

Lufrido foi, de imediato, convidado para um café pelo próprio barbeiro, que deixou a esperar todos os seus clientes, o que causou um rebuliço temporário por parte dos cabeludos de plantão.

Chegando ao boteco, o barbeiro tratou logo de botar a boca no trombone para anunciar e apresentar seu novo amigo:

- Pessoal, este é o Lufrido, músico da Corte, que acabo de conhecer e saber dos seus dotes.

Lufrido sorriu, acenou para os presentes e se virou para o balcão, para sorver, sossegado, o seu café. Uma multidão toda ouriçada de curiosos formou-se em frente ao local onde o tal músico se encontrava, para conhecer o especialista na arte musical.

De repente, não mais que de repente, uma voz

rouca ecoou lá do meio do povo, pondo a boca no mundo:

- Ei! Conheço esse camarada. Ele não é músico que nada. Pra cima de mim, não cola. Eu o conheço muito bem e de longa data.

Rebuliço geral. A multidão abriu passagem e deixou que o pretendente a dedo-duro chegasse à frente.

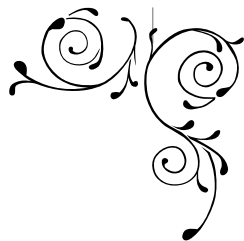
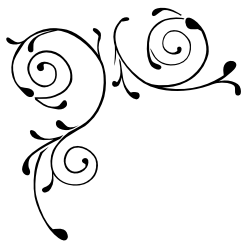
- Conte logo, abestado! Ele não é o que diz ser? Não é músico? Não é da Corte? - Indagou o desesperado barbeiro.

- Tudo papo furado. Esse cara é um conversa fiada. Não é músico coisa nenhuma. Ele é lá da freguesia de São Tiago de Inhaúma. Toca realejo lá na Praça da Igreja de São Diogo, junto com um macaco, que tira um papel dobrado de uma caixa, e ele diz que é um bilhete da sorte. Ele até pode ser da Corte, pois trabalha alugando cavalos na Rua da Carioca. Trabalhamos juntos.

A decepção na cara do barbeiro era bem visível. E a de fúria também, por ter sido enganado por um tocador de realejo.

Notando que a casa tinha caído, e sentindo logo que estava em maus lençóis, Lufrido se viu obrigado a cair fora o mais rápido possível, e debandou-se para os limites da cidade.

O som do realejo de Lufrido Nolasco ainda encanta os frequentadores da freguesia de Inhaúma. Os cavalos da Rua da Carioca também continuam em sua companhia.



Leonor Vieira-Motta

Pés de Mulungu

Nos anos trinta, com um tostão de réis levávamos para casa, quentinhos, seis pães de sal. Caso a quantidade pedida no balcão não correspondesse à de tostões para regalar com pão e mortadela uma família composta por pais, sete filhos menores, avô, avó e uma tia solteira, sempre se dava um jeito. O generoso dono da venda prontamente operava o milagre da duplicação do pedido do cliente.

- Dez pães?! Não, não, muito pouco, é muita gente em casa, não é possível! Tome vinte... Cento e cinquenta gramas de mortadela? Impossível! Leve trezentos.

No fim dessa remota década os meus domínios geográficos imaginários de menino, se estendiam de Passa Três - distrito onde eu morava - até a comarca São João Marcos - cidade sobre a qual pairava, principalmente na memória dos moradores mais antigos, uma nuvem carregada e cinza. A possibilidade da reativação do projeto de construção de uma barragem inundaria toda a cidade. Contudo,

os quatro mil e algumas centenas de moradores do lugar, orgulhosos de seu patrimônio material e imaterial, tratavam de afastar esta nuvem, mantendo serena e sabiamente a rotina do lugar, avivando-lhe as cores, com luz própria e natural, sem as benesses políticas de outros tempos.

No fundo, todos, inclusive eu, tremíamos ao pensar nessa possibilidade!

Nasci em 1930 e em março fiz nove anos, sou quase um rapaz, me disse o meu irmão *Lili* enquanto me acompanhava até o grupo escolar, observando a minha curiosidade e orgulhoso dos meus comentários precoces. Sei dessas questões históricas porque às vezes acompanhava meu pai, então escrivão do registro civil em Passa Três, em suas viagens de trabalho a São João Marcos.

Bem cedo, antes de o galo estrebuchar-se em cocoricós, estávamos os dois - meu pai e eu - no sereno, a postos, esperando o caminhão de frete, um Tigre 1934. Precavidos, levávamos um farnel com broa e bolinhos de chuva para o caso de um pneu do Chevrolet furar e esperarmos horas para retomar o trajeto. Se fôssemos dormir por lá, ajeitávamos um par de mudas de roupa numa malinha de couro retangular, enquanto minha mãe, preocupada, fazia mil recomendações.

Desde a primeira viagem, no trecho final da

estrada, ao avistar os mulungus galopando ao vento na garupa dos morros em forma de cascos de tartaruga, me senti em casa. Saudamo-nos como se já nos conhecêssemos. Afinal, as nossas raízes, a das belas árvores e as minhas, brotaram da mesma terra. Se eu pudesse galopava com eles!

Desde pequeno a música me fascina. Paixão certamente iniciada nos saraus na casa de meu avô *Elisiário*, com minha mãe ao bandolim. Depois, motivado pelos acordes da Banda Municipal no coreto, me fazendo pular mais cedo da cama aos domingos e, nos entremeios da semana, inspirado pela professora de música, dona Buru tocando lindamente ao piano.

Bom mesmo eram os dias de festa do padroeiro, quando, mesmo sem poder entrar na matinê dançante, por causa da pouca idade, eu ficava com os ouvidos grudados na porta do clube inebriado pela sonoridade do saxofone. Não um saxofone qualquer não, o saxofone do *Demeure!*

Nas comemorações do bicentenário de fundação de São João Marcos, enquanto fogos de artifícios iluminavam os céus espocando sobre as copas piramidais dos mulungus, combinei comigo mesmo jamais me esquecer do nome do saxofonista genial. - Combinado? - Combinado! - Então, *Demeure, Demeure, Demeure*. E para sacramentar o trato me fiz

jurar com os dedos cruzados seguidos de duas beijocas. - Jura? - Eu juro.

Quinzenalmente aos domingos eu voltava a São João Marcos com o meu irmão mais velho, Zezé, o primogênito lá de casa, quem aceitava os sucessivos desafios do Marcossense Futebol Clube ao nosso Passa Três Futebol Clube. Ah, e era ele também que, se revezando com o *Augustinho*, futuro marido da minha única irmã, a Eunice, dirigia o caminhão levando na carroceria os jogadores. Eu, o mascote, nem preciso dizer, ia todo prosa na boleia.

Antes de pegarmos a estrada, improvisávamos um desfile “cívico-esportivo” pelo quarteirão levando o nosso irmão caçula, o *Murillo*, pequeno demais para aquelas excursões, mas já demonstrando gosto e talento especiais para o futebol.

Nos minutos que antecediam ao clássico municipal, eu gostava mesmo era de ficar driblando o tempo jogando bola de olhares de um lado para o outro nas calçadas da cidade. Ia e voltava uma dezena de vezes das imediações do campo até a Praça da Matriz. Para chegar à rua principal, primeiro eu subia um morrinho, pois o campo de futebol ficava alguns metros abaixo do nível dela e então, meio gaiato, meio marcial, eu seguia pelas calçadas passando em revista a câmara municipal, a cadeia e o clube. Nessa altura eu atravessava para o lado esquerdo da rua e chegava

à praça, onde medindo pé ante pé as formas geográficas dos canteiros, eu parava extasiado em frente à Igreja Matriz.

A grandiosidade do pórtico com suas torres, uma de cada lado, e a beleza das quatro palmeiras imperiais dispostas diante dela me impressionava. Aquele sexteto de tramas de barro e fibras vegetais, em noites de luar, aos pares, secretamente bailava. Aposto!

Nesse ir e vir solitário fiz amigos. *Zininho*, o melhor, conheci numa dessas andanças. Ele, procurando a irmã a pedido da mãe, para ajudar com o almoço. A garota, adolescente, desaparecia diariamente em sua inseparável bicicleta.

Trombamo-nos num dos vértices da praça. Eu distraído e ele cumprindo o mandado aos berros: - Cidinha, Cidinha... Tibum!

Num dos pernoites por lá, sonhei que os ventos sopravam furiosos deixando os mulungus completamente nus, sem folha, sem nenhuma flor.

Acordei preocupado. Teria eu tido um presságio?

Logo depois das comemorações do bicentenário, meu pai chegou indignado em casa com a notícia: - São João Marcos vai ser inundada!

Naquele momento nos disse ainda que, só depois de concluídos os estudos de engenharia, a cidade seria evacuada, a seguir demolida e derradeiramente encoberta pelas águas. Fiquei pasmo.

Meu pai, que sempre resolvia as questões mais difíceis com temperança e sem elevar a voz, desta feita discursou alto.

- Vejam vocês, num curto período, mandos e desmandos! Decretam o tombamento pelo patrimônio histórico, agora de supetão o destombamento e, para finalizar, esse fatídico decreto de inundação, difícil de entender! Compreendo até que a capital, ficando às escuras, reivindique mais luz, mais, mais, mais, mas e nós?

- Pai, deixa não, eu pedi. Mas nem o meu pai daqui e nem o lá do céu puderam fazer nada. São João Marcos, talvez, padroeiro também de Veneza, lá na Europa, talvez... Esse conhece bem a força das águas e a capacidade dos homens de lhe deter o avanço. Valei-me, Seu Santo, valei-me, suplicando insisti. Vendo o meu desespero, minha mãe falou para eu rezar mais e eu rezei. Fiz do meu jeito, do jeito que eu fazia quando parava em frente à Matriz e nem sabia que estava rezando.

Com os trabalhos técnicos concluídos, contritas, as famílias foram deixando São João Marcos uma a uma. Muitas se fixaram no litoral, em Mangaratiba, outras ficaram por perto em Rio Claro, Piraí e algumas em Passa Três. Enfim, nas cercanias, próximas ao antigo rincão. A família do *Zininho* escolheu Passa Três, montaram comércio na esquina do outro lado da

rua onde eu morava. A irmã dele continuou dando o mesmo trabalho, só que agora eu assistia diariamente da janela de casa o apelo da mãe ao filho e corria para ajudar o amigo. - Cidinha, Cidinha! Saíamos os dois gritando no encalço da moleca.

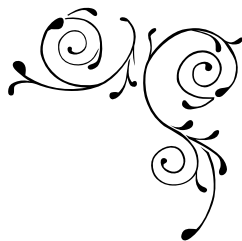
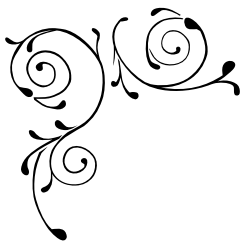
O Zezé, homem feito, foi desbravar os caminhos do mar de Mangaratiba a Paraty. Chegava para nos visitar a cavalo, trazendo doces em compotas, bananas, carvão vegetal e histórias de valentia, que, partindo dele, mesmo tentando manter segredo da autoria, sabíamos, eram quase todas autobiográficas.

Eu sofri muito com a ordem de evacuação da cidade, a demolição de seu casario imponente e finalmente a inundação de São João Marcos. Para não me afogar em lágrimas, imaginei Atlântida, um continente perdido a ser encontrado.

Quem sabe um dia mergulhando no rio Piraí eu a encontrasse, quem sabe?!

Nos anos que se seguiram, influenciado pela leitura das histórias em quadrinhos do Flash Gordon e do X-9 compartilhadas com meu irmão, Amaury, eu passei a acreditar secretamente que os meus pés de moleque eram pés de mulungu. Com eles, eu correria contra o tempo, sem cansar ou precisar descansar sequer um minutinho para alcançar as lembranças mais queridas. Com esses pés fantásticos eu, moleque, percorreria em segundos a estrada de chão que me

levava a São João Marcos, só para galopar com os mulungus, na garupa dos cascos das tartarugas.



Denise Constantino da Fonseca

Um Amor Submerso

O que é da água será dela até o fim, porque de alguma forma ela tomará para si.

Nunca um evento foi tão comentado em São João Marcos. Até no teatro Tibiriçá, na noite anterior, durante a ópera, foi comentado pelos apresentadores. Era o aviso derradeiro aos que ainda se mantinham céticos diante da ameaça da grande empresa estrangeira que começou há um ano. Dentre a maioria cética, incluía-se a família de Janaína. A moça de 17 anos morava em uma pequena e humilde casa na parte alta de São João Marcos com o pai, Genésio, a mãe, Fátima e o irmão mais velho, Justino. De sua casa se via a Igreja da Matriz e a de Nossa Senhora do Rosário; os casarios coloniais pintados de branco e com janelas azul royal; o Teatro Tibiriçá; a Ponte Bela sobre o rio Ribeirão das Lages; as imponentes fazendas e suas plantações à beira do rio; os cemitérios Irmandade e Caridade, os clubes Marquense e Prazer das Morenas e a fábrica de Tecidos e Fiação São José. Praticamente a

cidade toda.

O nome Janaína foi dado em homenagem à avó, mãe de Genésio, uma escrava que trabalhou nas lavouras de café para um poderoso fazendeiro. A escrava Janaína foi morta por um capitão do mato, enquanto tentava fugir. Genésio, ainda criança, ficou aos cuidados do pai, até que a abolição foi assinada e os escravos foram expulsos da parte central da cidade, empurrados para os morros e periferias. Genésio e o pai trabalharam ainda algum tempo para um fazendeiro que lhes pagou um soldo suficiente para que comprassem um pedaço de terra no morro de São João Marcos e pudessem recomeçar a vida. Cultivaram a terra e plantaram os alimentos para subsistência e para venderem na feira.

Quando Genésio fez 17 anos, seu pai ficou doente e faleceu. Pouco tempo depois, ele conheceu Fátima, filha de mãe escrava e pai branco, um fazendeiro do café. Sua pele era da cor de mel, os olhos incrivelmente verdes, tão penetrantes que fizeram com que Genésio esquecesse as agruras da vida. Quando completou 21 anos se casou com Fátima depois de engravidá-la. Nasceu Justino. O menino tinha a pele de Genésio, cabelos crespos, olhos castanhos, numa mescla dos olhos negros do pai e dos verdes da mãe. Quando o menino fez dois anos, nasceu Janaína. Pele branca. Cabelos lisos e castanhos. Os olhos da cor de mel.

Puxou à família paterna da mãe. A menina era o oposto do irmão em tudo. Ela gostava de ler, de teatro, de estudar e logo se formaria professora. Justino não gostava de estudar, preferia ser do mato a ser da cidade e sempre fugia da escola para trabalhar na plantação.

Foi em um sábado, na feira, onde ela e o irmão foram vender as mercadorias, que conheceu Luís Sérgio. Ele chegou acompanhado pela mãe, visivelmente uma senhora elegante, ostentando uma vida abastada. Provavelmente esposa de algum fazendeiro ou comerciante. Estava com um vestido rendado de saia longa e cintura marcada por um cinto de couro. Usava um imenso chapéu, digno de filmes da *Belle Époque*. Com uma das mãos carregava uma sombrinha grande que lhe servia também de apoio para caminhar nas ruas de pé-de-moleque e, com a outra, segurava o braço do rapaz de tez branca, olhos verdes e cabelos loiros, lisos, penteados impecavelmente para o lado, cujo brilho do gel era realçado pela luz do dia. Usava um terno xadrez por cima de camisa branca e gravata borboleta, colete cinza combinando com a calça. Vestimentas elegantemente exageradas para uma manhã de sábado na feira. Janaína ficou hipnotizada pelo casal, que logo descobriu serem mãe e filho, assim que se aproximaram da banca onde a moça e o irmão expunham seus produtos.

- Olhe essas bananas, mamãe. Parecem ótimas.

- Prefiro olhar todas as bancas antes de decidir,

Luís Sérgio.

O rapaz, simpaticamente, olhou nos olhos de Janaína e sorriu, como se estivesse pedindo desculpas por não ter convencido a mãe a comprar a fruta. Janaína permaneceu estática, sem saber o que dizer, encantada com o sorriso lindo do rapaz mais magnífico que já vira em sua vida. Só conseguiu se mexer depois que o elegante casal se afastou. Seu olhar os acompanhou até desaparecerem por entre as barracas de artesanatos. A imagem do sorriso sincero e simpático não lhe saía da cabeça e, enquanto recolhia as mercadorias para encerrar os trabalhos, avistou o rapaz correndo em sua direção, e, no fim da rua, a senhora bem vestida parada, apoiada sobre a sombrinha, a qual batia no chão de pedra, demonstrando impaciência. O belo rapaz retornara para Janaína e ela achou, por um momento, que estava vivendo um sonho. Quando ele chegou a sua frente, respirando ofegantemente, mas com o cabelo intacto, sem ter um fio sequer movido do lugar, ela não pôde conter o sorriso.

- Olá... Perdão... Sei que já estão recolhendo as mercadorias, mas gostaria de comprar aquelas bananas...

- Ah... As bananas... Claro! Quantas dúzias deseja, cavalheiro?

- Duas... Por favor.

Enquanto esperavam Justino trazer a caixa de bananas, Janaína intimidou-se com o olhar perscrutador do rapaz.

- Você sempre está na feira? Nunca a vi por aqui... Embora não venha muitas vezes, hoje resolvi trazer mamãe para andar um pouco, pois estava há alguns dias adoecida e precisava respirar ar puro...

- Sempre venho, quando não preciso estudar. Também nunca o vi por aqui...

- Então estuda, senhorita?...

- Janaína. Esse ano me formo professora.

- Encantado, Janaína. Chamo-me Luís Sérgio. Então a senhorita é uma futura professora. Não há profissão mais brilhante.

- Obrigada, senhor...

Em um impulso, Luís Sérgio pegou a mão de Janaína e levou-a aos lábios, sem tirar os olhos do rosto da bela moça. Janaína sorriu, sem conseguir esconder o encantamento e deslumbre que o bonito rapaz lhe causava. Nesse momento, Justino depositou a caixa de banana no balcão com força, com a intenção de quebrar o clima comprometedor que se formou ao redor do casal.

- Parece que a senhora sua mãe está cansada de esperar...

- Oh, mamãe detesta esperar, é verdade.

O rapaz virou-se para onde estava a mãe e acenou, sorrindo. Janaína embalou as bananas, não fazendo questão de ser rápida, porque já temia distanciar-se daquele príncipe que despertou em sua alma algo que não sabia ainda explicar. Luís Sérgio pagou a Justino e pegou o embrulho das mãos da moça. Deu seu mais belo sorriso e despediu-se:

- Até breve, senhorita. Até logo, rapaz.

- Tenha um bom dia, senhor.

Janaína não se moveu enquanto o rapaz e a mãe não desapareceram de sua vista. E quando isso aconteceu, Justino já estava na carroça, esperando-a, irritado.

Depois que se conheceram, todos os dias de feira durante aquele período de férias escolares, o rapaz ia vê-la, com a desculpa de comprar alguma hortaliça ou fruta. Justino não estava gostando daqueles encontros, mas preferiu se calar porque simplesmente adorava a irmã.

No último dia de férias, houve um grande baile no Clube Marquense, para despedida dos alunos que estudavam na capital, futuros advogados, médicos e engenheiros. Janaína pegou suas economias e comprou as entradas, uma para ela e outra para a amiga Selma, que também era sua vizinha. Compraram tecidos belíssimos para costurarem seus vestidos, que não deveriam em nada às vestimentas

das madames e moças da alta sociedade de São João Marcos. No grande dia, as moças, vestidas elegantemente e belíssimas, foram levadas de carroça por Justino até a entrada do clube Marquense. A beleza de Janaína e Selma logo foi notada pelos rapazes e causou inveja nas moças de famílias abastadas, que se perguntavam quem seriam aquelas duas moças que despertavam os olhares de encantamento dos rapazes presentes no baile. A banda tocava animadas músicas e o salão já estava tomado por jovens e pessoas mais velhas, dançando e conversando. Selma foi buscar bebidas enquanto Janaína permaneceu sozinha no salão, quando ouviu uma voz atrás de si que não lhe era desconhecida.

- Janaína, mas que surpresa!

- Luís Sérgio!

O rapaz lhe sorriu e logo pegou sua mão para beijá-la, demorando mais do que devia, segurando-a próxima aos lábios. Ele estava vestido com uma farda branca da Marinha e estava mais lindo ainda do que já era.

- O que faz uma donzela sozinha em um baile?

Janaína sorriu timidamente.

- Minha amiga foi buscar ponches. Já deve estar voltando.

- Fui até a feira algumas vezes e não a vi. Perguntei ao seu irmão e ele disse que você não estava

mais indo à feira. Fiquei preocupado.

- Está tudo bem. Precisei me ausentar por causa dos estudos que estão muito intensos.

- Entendo. Gostaria que soubesse que sua presença me fez falta e continuo tendo muito apreço por você.

Janaína sentiu o rosto arder. Abaixou os olhos e teve medo de encarar o rapaz.

- Por favor, me perdoe se fui atrevido. Diga-me que não senti o mesmo e a deixarei em paz. Mas, se disser que sente o mesmo por mim, a arrastarei comigo por esse salão e não a largarei jamais.

Janaína não pôde conter o riso.

- Sinto o mesmo. Senti muito a sua falta e não parei de pensar um minuto sequer em você, imaginando quando iríamos nos ver de novo.

- Só me resta cumprir o que prometi. Venha!

Luís Sérgio puxou Janaína pela mão e a levou para o meio do salão, onde todos dançavam com seus pares. O braço do rapaz enlaçou a cintura fina de Janaína para dançarem, e assim ficaram, entre conversas, risos e dança até o final. Janaína até esqueceu-se da amiga, que, por sorte, também havia arrumado um par para se divertir na festa. Divertiram-se a noite toda e tanto um quanto o outro desejavam que aqueles momentos nunca se acabassem, que se paralisassem no tempo.

No outro dia, enquanto Janaína tomava café, em pé na porta da cozinha, falou com os pais sobre ela e Luís Sérgio. Os pais, como esperado, não se agradaram por medo que a filha sofresse, porque os pais do rapaz nunca aceitariam que o filho namorasse alguém de classe social inferior. Apesar disso, concordaram em receber Luís Sérgio em sua casa. Por volta das dezesseis horas, ele surgiu à porta da casa de Janaína. Genésio e Fátima o receberam com educação. Pediram que ele se sentasse e falasse. Luís Sérgio foi direto, não poupou tempo. Falou logo a que veio e pediu para cortejar Janaína. Falou que estava servindo à Marinha do Brasil, e estava lotado na capital, na cidade do Rio de Janeiro e pretendia que o casamento fosse o mais breve possível.

- E seus pais já sabem dessa sua intenção, rapaz?

- Quanto a isso, não se preocupe. Ainda hoje falarei com eles e logo levarei Janaína para conhecê-los.

E assim foi. Mas com a família do rapaz foi diferente. Os pais de Luís Sérgio foram irredutíveis e não concordaram com o cortejo. Ameaçaram deserdar o filho; mandarem-no para fora do Brasil; fazerem o impossível para que aquele namoro não acontecesse. Janaína sentiu-se destrutada e humilhada e saiu da casa de Luís Sérgio aos prantos, sendo amparada e confortada pelo amado.

- Não desistirei de você, Janaína. Amo-te com

toda força de minha alma.

Luís Sérgio não se deixou intimidar pelas ameaças dos pais. Seguiu sua vida, partindo para a capital para servir à Marinha do Brasil e nos dias que voltava à cidade, encontrava a amada. Gostavam de se encontrar na Ponte Bela. Conversavam sobre variados assuntos. Janaína queria saber como era a capital, Rio de Janeiro, que crescia em ritmo acelerado. Às vezes, Luís Sérgio esperava Janaína sair do colégio e andavam juntos pelas ruas de pé-de-moleque até a casa dela. Conforme o tempo ia passando, a paixão aumentava e para o casal de enamorados era doloroso quando tinham de se separar. Queriam ficar cada vez mais juntos. Não foi difícil para a família do rapaz descobrir que ele não obedeceu as ordens dadas. Luís Sérgio foi firme. Enfrentou-os com a coragem de um leão, movido unicamente pelo amor que sentia por Janaína. O fazendeiro, com medo de escândalo, preferiu silenciar-se, recuar, mas não desistiu de impedir que o filho concretizasse aquele casamento absurdo.

Era o ano de 1908 e mudanças na pequena cidade de São João Marcos estavam acontecendo por trás dos bastidores. O povo, que não tinha acesso à comunicação, estava alheio a tudo que estava ocorrendo. Uma empresa de exploração de energia elétrica inundaria a cidade para a construção da

represa de Ribeirão das Lages. Muitas pessoas perderiam suas casas. Ricos e pobres seriam atingidos. Mas, os ricos tinham para onde ir.

Os noivos estavam assistindo à ópera no Teatro Tibiriçá quando o apresentador falou da importância de alertar a todos sobre o que estava acontecendo. Mesmo preocupados com o que estava ocorrendo, os namorados marcaram o casamento para o ano seguinte. A sonhadora moça escolheu casar-se em uma pequena capela no pé do morro onde morava e próxima à Ponte Bela. Veio Natal e Ano Novo. A ameaça persistia. Fazendeiros já se retiravam da cidade, indo morar na capital ou em cidades menores, porém prósperas. Luís Sérgio e Janaína insistiam para que Genésio, Fátima e Justino fossem com eles para a capital após o casamento. Mas a família de Janaína não acreditava que a água os atingiria. Realmente não os atingiria se uma artimanha não fosse armada para que aquele amor fosse interrompido. Os fazendeiros importantes e ricos de São João Marcos sabiam exatamente o dia e a hora em que as águas da represa invadiriam a cidade e inundariam tudo. A população teria uma semana para saírem de suas casas. Porém, a data divulgada, a pedido do pai de Luís Sérgio, foi alterada, uma semana depois da data verdadeira. Porque a data da inundação era a mesma data do casamento. Era um plano macabro e Janaína e sua

família não seriam os únicos atingidos.

O dia mais esperado por Janaína finalmente chegou. O vestido branco, rendado e de saia ampla deixou Janaína ainda mais bela. A mãe, o irmão e Selma foram os primeiros a chegar à pequena e singela capela. Havia poucas pessoas, somente os vizinhos mais próximos. Não havia parentes. Justino estranhou que Luís Sérgio ainda não estivesse na igreja. Quando Janaína e o pai chegaram à capela, Justino foi até eles.

- O noivo ainda não chegou.

- Meu Deus! Aconteceu alguma coisa com Luís Sérgio!

- Calma, minha filha. Vamos entrar...

- Não, pai! A noiva não pode entrar antes do noivo.

- Justino, Vá ao Centro a cavalo. Veja se ouve alguma coisa. Não estou com um bom pressentimento.

Justino obedeceu ao pai. Montou seu cavalo e foi até o Centro da cidade. Tudo parecia tranquilo. O dia corria normal e igual aos outros. Poucas pessoas circulavam pela rua, porque uma parte da população, temendo as águas da represa, já tinha abandonado a cidade. Algumas pessoas estavam comprando nas lojas e mercearias. Algumas paradas nas calçadas, conversando. Outras sentadas nos bares e restaurantes, fumando, bebericando alguma bebida colorida. A praça estava cheia de estudantes eufóricos,

recém-liberados da escola. Meninos jogavam bola em um pequeno campo e meninas de saias pregueadas riam de algum comentário engraçado a respeito de algum dos meninos. Justino foi a alguns bares. Os poucos funcionários que restaram não souberam responder a respeito da família dos ricos fazendeiros. O rapaz então se encaminhou a galope para a fazenda. A casa estava trancada. A plantação sem frutos. Nenhuma cabeça de gado, tinha sido tudo removido. Justino se aproximou de um senhor negro de cabelos brancos, que estava sentado em um banco de madeira, ao lado do portão da fazenda.

- Dia

- Dia, moço. Que faz por essas banda?

- Onde está a família?

- Ué, foram embora, causa que as água vem vindo.

- E o filho, Luís Sérgio, não viu o rapaz por aqui esses dias?

- Ele vinha, mas o patrão resolveu ir com ele pra capital. Fugiram das águas.

- Mas ainda vai demorar uma semana pra água chegar...

- Rico sempre se adianta, moço.

Justino concordou com o caboclo e não tendo mais nada a fazer ali, retornou à capela com más notícias para a irmã. Jurou para si mesmo que se aquele filhinho de papai fizesse a irmã sofrer, ele mesmo

trataria de fazer justiça. Quando desmontou o cavalo na porta da capela, a irmã e o pai já não estavam mais do lado de fora. Encontrou-os no interior. A irmã esperando voltada para a porta. O rosto, uma máscara de aflição e ansiedade e ao mesmo tempo de esperança.

- Nenhum sinal do moço. A família foi toda embora.

- Não saio daqui até Luís Sérgio chegar.

- E se ele não chegar?

- Ele vai chegar... Ele vai chegar...

Os pais e o irmão permaneceram ao lado da moça, desesperançados, mas com compaixão. Horas passaram. Os convidados foram se retirando um a um; o padre também se cansou e partiu, e as lágrimas foram enchendo os olhos de Janaína até transbordarem de tristeza. Ali, paralisados e sozinhos, a família ouviu o rugir da água avançando. Justino saiu para ver do que se tratava e voltou correndo, desesperado. Avisou a família que as águas do Ribeirão das Lajes estavam avançando rapidamente. Os pais tentaram arrastar Janaína, mas ela não quis arredar pé.

- Ele não vem, filha.

Justino, contrariando a insanidade da irmã e dos pais, não quis esperar. Montou o cavalo e subiu o morro. Viu a avalanche se aproximando e engolindo tudo. Os pais sentados no banco da singela capela dos ex-escravos. Janaína de pé, à frente do pequeno altar, com os olhos grudados na porta. Foi a primeira que

viu a água invadir tudo, furiosa, lavando tudo a sua frente e arrancando pilares e construções firmes no chão. Em poucos minutos grande parte de São João Marcos estava debaixo d'água, submersa. Daquela família, somente Justino sobreviveu, subindo no telhado de sua casa. A água alcançou as janelas e se ele não fosse ágil, não teria sobrevivido. Caos. Tragédia. Justino não encontrou os corpos da família. Estavam em algum lugar, submersos. Perdeu tudo: plantação, casa, família...

Nos dias seguintes, o cheiro de morte tomou conta do que restou de São João Marcos. Vieram as doenças que mataram grande parte dos sobreviventes. Luís Sérgio retornou à cidade no meio do inferno. O rapaz, magro, abatido, afundado em tristeza por não ter comparecido ao próprio casamento, não conseguiu encontrar a capela onde Janaína o aguardou até a morte. Soube por alguns que o único que sobreviveu da família foi Justino, que tinha ido embora para Arrozal.

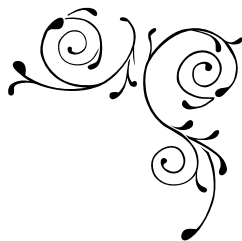
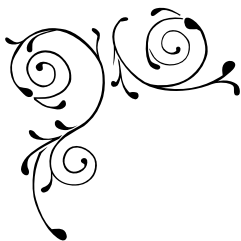
Meses depois, o futuro cunhado morreu acometido pela malária. Luís Sérgio culpava-se por não ter chegado a tempo de casar-se e de salvar Janaína e sua família. Mas tentou livrar-se da armadilha que o pai lhe armou, mandando-o sequestrar e trancando-o em um galpão. Depois disso, Luís Sérgio abandonou sua vida de riqueza e só pensava em morrer e assim

encontrar sua amada Janaína. Permaneceu em São João Marcos ou do que restou da cidade. A força dos marcossenses foi grande e, mesmo em meio às doenças, resistiram e reconstruíram parte da cidade. Luís Sérgio ajudou a população a reconstruir suas casas na parte seca que sobrou da cidade.

Os anos foram passando. A cidade do Rio de Janeiro continuava a crescer e os municípios em seu entorno também. Já estavam nos idos de 1930 e o pesadelo recomeçaria. Luís Sérgio permanecia apático a todos os acontecimentos. Morava em uma tapera que construiu próximo ao local onde havia a capela aos pés do morro onde Janaína morava. Ali, se sentia mais próximo da amada e no seu íntimo, em meio à depressão e desespero, mesmo depois de tantos anos, desejava que a cidade fosse inundada de novo, para dessa vez não escapar. Em 1941, a destruição começou. A cidade virou um depósito de entulho, em total ruína. Luís Sérgio sentou-se em uma pedra e esperou. Foi em uma Quinta-Feira Santa. Quanta ironia deixar para matar uma cidade durante a semana santa. As águas retornaram e inundaram o que faltava inundar.

Luís Sérgio viu-se em um caminho de pedras pé-de-moleque, rodeado de verde e de flores de todas as cores e espécie. A água rodeava tudo. Estava vestido de fraque, a roupa que usaria para casar. Entrou devagar e a visão que teve foi a mais bela em toda sua

vida. Ela o esperava no altar. Os pais ao lado, orgulhosos. Justino do outro lado, sério e desconfiado como sempre foi. Janaína flutuava na água, mas permanecia ereta e sorria, aguardando o amado se aproximar. Seu vestido era lindo e simples. Segurava um buquê de flores do campo, coloridas, fazendo contraste com a roupa branca. Antes do passo final, ele estendeu a mão, juntamente com ela, e suas mãos se tocaram. O contato foi eletrizante. Uma energia tomou posse de seus corpos, que se juntaram em um só, rodopiando na água que envolvia a todos. Formou-se um redemoinho frenético e gigantesco que elevou os dois apaixonados aos céus.



Jobert Rocha

Uma Noite Inesquecível

Ninguém saberia dizer como aquela notícia, da vinda e do pouso de uma nave com extraterrestres, chegou à pequena cidade de São João Marcos em uma tarde ensolarada do mês de setembro de 1935; mas, o fato é que a notícia se propagou como um rastilho de pólvora, entre os seus pacatos moradores urbanos e entre sua gente humilde e trabalhadora do campo.

A notícia surgiu, inicialmente, em uma conversa informal no Bar do Landi (imigrante de origem italiana, residente no local há muitos anos). Dali caminhou para a igreja, onde, naquele exato momento, se realizava uma missa pela alma do fazendeiro Juvêncio, falecido em uma queda de cavalo, quando cavalgava bêbado de volta para a sua fazenda. Da missa a notícia seguiu para o bordel local, conhecido como Casa da Dolores, onde o assunto foi motivo de especulações entre os frequentadores; bem como de dúvidas por parte das moças que ali trabalhavam. Dentre estas dúvidas, a primeira e principal era saber

se os extraterrestres frequentariam ou não aquele local mal afamado. A segunda, caso a primeira se confirmasse, era saber quais as suas preferências femininas. A terceira era imaginar em qual moeda pagariam as despesas e a cotação dela com relação a nossa própria moeda.

Da Dolores a notícia seguiu célere para a Loja Maçônica da cidade, onde foi objeto de comentários, por parte do Mestre de Cerimônias, durante o Tempo de Estudos e, em razão de haver se tornado motivo de inúmeras discussões acirradas entre os aprendizes, companheiros e mestres, o Venerável viu-se obrigado a encerrar a sessão daquela noite de segunda-feira com um único e rápido golpe do malhete (os leitores maçons, evidentemente, entenderão melhor todo este processo).

Como a maioria das pessoas mais influentes da cidade fazia parte da Maçonaria, a notícia logo estava em todas as casas; dali, se espalhando rapidamente para os cortiços e para os casebres da periferia.

No dia seguinte apareceu uma nota no pequeno jornal local, “São João Marcos News”, que dizia: *“Cabograma recebido dos Estados Unidos da América do Norte confirmou a iminente descida, no dia 27 de setembro (dia do padroeiro da cidade), em São João Marcos, de uma nave tripulada por extraterrestres, originária de distante constelação”*. Segundo a agência de notícias americana, os interesses dos alienígenas são totalmente pacíficos e visam,

unicamente, ao estreitamento dos laços de amizade com os habitantes de São João Marcos, povo ordeiro e trabalhador, cuja fama de boa gente já ultrapassou o nosso Sistema Solar e atingiu os mais distantes rincões do Universo”.

O Conselho Municipal, imediatamente, se reuniu para traçar uma estratégia de como fazer para recepcionar tão distintas personalidades, viajantes estelares cheios de saber, conhecimento e experiência.

A primeira medida foi selecionar a Comissão de Recepção, que seria constituída pelas famílias do prefeito, do juiz, do promotor, do delegado e pelo padre da Igreja Matriz. Alguns abastados fazendeiros se ofereceram para adquirir, por alto valor, alguma vaga ou desistência de última hora.

A segunda medida foi elaborar um programa de atividades e de visitas ao município e seus arredores. A inauguração da nova creche, a visita à lagoa dos jacarés e uma ida ao mirante, faziam parte da programação.

A terceira foi definir um local para o pouso e mandar construir uma pequena pista e uma sede (onde as altas autoridades e os viajantes pudessem se confraternizar, beber da aguardente local, trocar presentes e saborear alguns quitutes preparados por Dona Cotinha, baiana e viúva do antigo médico da cidade). Os habitantes locais, no entanto, não contavam com o fato de aquela nota do jornal haver extrapolado as fronteiras do município e ter atingido

outras cidades vizinhas.

Pouco tempo depois, inúmeros veículos a motor, carroças puxadas por bois e burros, viajantes a pé e a cavalo, começaram a chegar à sede do município, lotando os dois pequenos hotéis e o galpão nos fundos da igreja matriz.

O prefeito já havia mandado fazer uma placa de bronze a ser colocada em local de destaque, com os seguintes dizeres: *“Os extraterrestres, em reconhecimento à excelente administração do prefeito Zequinha na Prefeitura de São João Marcos, decidiram visitar o município no ano de 1935, durante o seu mandato, para colher subsídios sobre como bem administrar uma cidade, de modo a poderem levar novos conhecimentos de Administração Pública para a Galáxia e para o Sistema Solar de onde vieram”*.

O padre, baseando-se na iniciativa do prefeito, também havia mandado fazer placa para colocar nas proximidades do altar-mor, nos seguintes termos: *“No ano da graça de 1935, viajantes extraterrestres oriundos do espaço sideral, tendo tomado ciência das palavras proferidas pelo padre Josias no púlpito da Igreja Matriz de São João Marcos (quando este falava sobre a existência de um messias, na antiga cidade de Jerusalém, que pregava a existência de um Reino dos Céus), vieram diretamente daquele referido Reino dos Céus, no dia exato da festa do padroeiro da cidade, São João Marcos, para confirmar ao ilustre povo deste nosso*

município, como a mais absoluta das verdades, tudo aquilo que, até então, havia sido dito pelo venerado padre Josias”.

A Associação dos Estudantes de São João Marcos, capitaneada por Dona Dorinha, diretora do grupo escolar local, iniciou a confecção de diversas faixas e cartazes de boas vindas a tão distintos visitantes. As faixas, dentre outras coisas, diziam: “Estudantes de São João Marcos saúdam ilustres visitantes extraterrestres e pedem o fim da discriminação planetária!”. “Queremos fazer intercâmbio cultural e estagiar no planeta de vocês!” “Pela gratuidade no transporte intergaláctico!” “Pelo fim do lixo espacial”!

Alguns dos bares da cidade lançaram novos pratos e diferentes drinques, apelando para a inusitada notícia, que atraía turistas até aquele distante município. Assim, anunciavam: “*Filé à Extraterrestre (filé com arroz, fritas e um tempero secreto de origem extraterrestre)*”; “*Sopa de Poeira Espacial (grãos de poeira espacial, ervilhas e torradas produzidas pelo atrito na atmosfera terrestre)*”; “*Batida Estelar (cachaça, suco de meteoro e gotas de orvalho, batidos no vácuo)*” ...

Pelas ruas da cidade foram sendo instaladas diversas barraquinhas, cujos proprietários ofereciam diversos tipos de comidas e bebidas típicas, produtos agrícolas oriundos das fazendas próximas, etc.

O Governador do Estado, cuja sede do governo

ficava na Cidade de Niterói, adiantando-se ao prefeito do Município de São João Marcos, enviou uma equipe, daquela capital, para montar o sistema de som, o palanque e as arquibancadas, pois pretendia fazer um discurso de saudação aos visitantes e tentar obter recursos financeiros a fundo perdido, para algumas obras que marcariam com “chave de ouro” o final do seu governo.

Na Cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal, a pequena notícia do Jornal “São João Marcos News” também havia chegado, por intermédio de um assessor parlamentar que retornava das férias em casa de parentes naquele longínquo município. Logo formou-se uma comitiva de deputados e senadores que, desejosos de comparecer ao evento, solicitaram passagens e diárias para uma semana, além de prepararem uma “Moção de Boas Vindas” e de concederem a todos os extraterrestres a “Comenda do Mérito Interestelar Brasileiro”, criada especificamente para agraciar tão nobres visitantes.

O Presidente da República, também alertado, só não iria ao histórico acontecimento em razão de compromissos internacionais inadiáveis, ademais de pane no automóvel presidencial.

Em poucos dias o município regurgitava de gente. Os alojamentos e acomodações eram insuficientes para tantas pessoas. Muitos dormiam nas

calçadas, sob marquises. Alguns trouxeram barracas e as montavam próximo ao local onde seria efetuado o pouso da nave.

O discurso que o prefeito faria acabou vazando para a imprensa e, pelo que foi divulgado no jornal local, começava assim: *“Caríssimos, idolatrados e magnânimos seres de outras galáxias” Nesta benfazeja ocasião em que pautado pelos mais nobres sentimentos de fidalguia, de fraternidade, de cordialidade e de admiração me dirijo a vossas excelências espaciais”...*

Em um mutirão incessante, as ruas eram varridas, as paredes caiadas, as árvores podadas, o lixo recolhido. O delegado e alguns agentes faziam incursões na periferia, para deter os poucos e conhecidos “ladrões de galinha” que viviam pelas aforas da cidade.

Finalmente, chegou o grande dia, previsto não se sabe por quem, para a descida dos alienígenas. O pouso, segundo diziam, se daria por volta das vinte horas, no local demarcado na Praça Cinco de Julho, no centro da cidade. Enorme multidão aguardava, na hora aprazada, a chegada da nave. Os governos dos principais países do mundo com embaixadas no Brasil, embora desconfiados de charlatanice, haviam enviado seus embaixadores e observadores e as moças da Casa da Dolores jamais tinham tido tantos clientes pagando em moedas fortes (dólares, libras, francos, pesetas,

escudos, rublos e ienes).

Minutos antes das vinte horas, uma agitação percorreu a multidão.

Alguém afirmara haver visto uma luz se movendo no negro céu. Alguns apontavam para o norte, outros para o sul. Fotógrafos e cinegrafistas preparavam suas câmeras e flashes. Infelizmente, tinha sido apenas um boato falso.

Chegaram as vinte e uma, vinte e duas, vinte e três, vinte e quatro horas, e nada dos extraterrestres aparecerem. Começou a ventar e a esfriar e, por volta das duas da madrugada, caiu um forte aguaceiro, obrigando a maioria dos presentes a se dispersar. Muitos voltaram para suas casas ou para seus quartos nos hotéis. Os que estavam nas barracas, após consumirem diversas garrafas de cachaça, dormiam a sono solto. Alguns, mais religiosos, ajoelhados e molhados pela chuva, oravam, tremendo de frio.

Em pouco tempo, não restava mais ninguém naquele local.

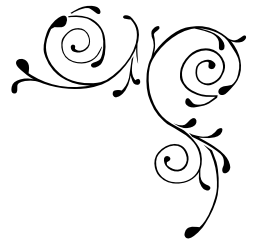
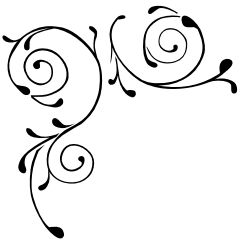
Garrafas e latas vazias, jornais e revistas, caixotes e restos de comida atirados ao solo, atestavam que a raça humana ainda não estava preparada, culturalmente, para o contato com deuses oriundos do espaço, e pertencentes à outra raça, talvez, milhares de anos mais evoluída do que a nossa.

Ao longe eram ouvidas risadas e musica sendo

tocada na Casa da Dolores, onde as moças eram insuficientes para atender a tantos clientes.

Os únicos que viram a grande nave iluminada sobrevoando baixo o lugar do pouso foram um cavalo que pastava e um gato, caminhando por sobre as telhas de um telhado em busca de uma gata. Tendo a nave, com quatro visitantes extraterrestres, feito duas passagens baixas quase tocando o solo e, não encontrando ninguém no local, retornou velozmente para a imensidão do espaço sideral de onde viera...





Luzia Lucia da Silva Araújo

O Sonho

Maurício um jovem de dezesseis anos, sempre passava as férias na casa da avó, pela qual tinha um carinho enorme, mas também porque gostava de ser o centro das atenções na pacata cidade de Rio Claro. Logo que chegava da capital paulista onde morava com os pais, todos ficavam sabendo. Dona Corina, sua avó, era muito conhecida; professora aposentada, todos a tinha em enorme estima e consideração, a maioria das moças e rapazes do lugar foram por ela alfabetizados. Mal o neto chegava e lá ia ela comprar os ingredientes para fazer os seus pratos preferidos. E assim a cada passo, parava a prostrar com um morador e dar a notícia. As jovens corriam para vê-lo e disputavam sua atenção. Convite para bailes, festas, banho de cachoeira era o que não faltava.

Maurício era um jovem de porte atlético, pele clara e olhos azuis. Não era difícil atrair os olhares das moças do lugar e o desejo de namorá-lo. Seu avô, seu Ivan, olhava o neto com orgulho, mas sempre lhe dava

conselhos para respeitar as moças e não as iludir, afinal ele ainda tinha muito tempo para namorar e os estudos tinham que estar sempre em primeiro lugar.

O jovem gostava muito das caminhadas, saía logo cedo e ia prestando atenção em cada árvore, em cada pássaro e no seu canto. Tirava muitas fotos para mostrar suas aventuras na volta das férias. E sempre acompanhado de lindas jovens.

Os rapazes do lugar não o viam com bons olhos. Afinal era mais um na disputa pela atenção das mais belas e com aquele sotaque paulista que as atraía, era injusto. Não, eles não iriam dar mole para um forasteiro, mesmo que fosse o neto da querida professora do primário, Dona Corina.

Pensando nisto, alguns jovens planejaram colocar o jovem paulista numa enrascada. Ao encontrá-lo sozinho na pracinha da Igreja Nossa Senhora da Piedade convidaram-no para uma volta, e conversa vai, conversa vem, perguntaram:

- Você já foi pros lados da represa de São João Marcos?

O jovem abaixou a cabeça lembrando que sua avó contava, com tristeza, que sua família era de lá e até tinha umas fotos antigas da cidade guardada em um baú, junto com outras coisas que dizia ser da casa que fora demolida. Talvez por isto, ele nunca tivesse andado pelos lados de lá. Não queria trazer tão

dolorosas lembranças a seus avós.

Os rapazes não esperaram a resposta, logo começaram a contar suas façanhas. Que iam pescar à noite, que burlavam os guardas da Light e invadiam sorrateiramente a represa e voltavam com enormes tucunarés e tilápias. Olhavam uns para os outros e diziam:

- Mas isto é para nós que vivemos aqui e não temos medo de arriscar uma boa pescaria. Você não iria, não está acostumado com a mata, e a noite então só se o vovozinho for junto.

Maurício ficou ferido em seu orgulho de jovem da cidade e sem pensar caiu na armadilha:

- Ao contrário do que vocês pensam, eu adoro uma aventura. Vamos combinar uma dessas pescarias?

Os jovens se olharam e com um sorriso sarcástico responderam:

- Pode ser esta noite mesmo!

Assim combinaram a pescaria e todos os pormenores. Não iriam todos juntos para não chamarem a atenção e se encontrariam em algum ponto à beira da represa.

O jovem Maurício foi para casa e nada comentou com os avós, sabia que eles não aprovariam. Pegou a mochila e nela colocou um agasalho, lanterna e mais algumas coisas que julgou necessário. Os rapazes lhe disseram que não se preocupasse com coisa alguma

para a pesca, porque eles tinham escondido na beira da represa, uma canoa, varas e anzóis.

Maurício pulou a janela do velho casarão e saiu apressado para que ninguém o visse. Encontrou com os rapazes logo a seguir. Iria parte do caminho a cavalo, depois pegariam as trilhas até a grande represa. Em um determinado ponto os rapazes apontaram uma trilha dizendo:

- Você vai por aqui, não tem erro é só seguir adiante. Nós vamos amarrar os cavalos e estaremos logo atrás de você.

Maurício seguiu a trilha; com a luz baixa da lanterna, de vez em quando via animais noturnos passarem procurando comida. Um tatu lhe dá um tremendo susto, mas logo percebe que o animal só queria fugir dele.

Como disseram os rapazes, logo ele viu a represa. Olhou de um lado e de outro procurando o esconderijo da canoa. Logo a encontrou em meio a uma moita de bambu. Agora era só esperar os companheiros de pesca.

Olhou o relógio e percebeu que já fazia uma hora que estava esperando.

- Onde se meteram aqueles rapazes? Perderam-se na trilha?

Isto era impossível, pois ele tinha chegado ali até com certa facilidade, imagine eles que conheciam tão

bem o lugar.

O que ele não imaginava é que os rapazes tinham planejado deixá-lo ali sozinho para testá-lo. Seria desmoralizado se fosse encontrado morrendo de medo, viraria chacota da cidade. As moças, por certo, já não o olhariam com tanta admiração. Isto sem contar na bronca de seu avô, era capaz de mandá-lo de volta para São Paulo antes que as férias terminassem.

Maurício não esperou mais, tinha enfrentado tudo aquilo para pescar e iria pescar, com ou sem os rapazes. Empurrou a pequena canoa para a água, colocou a isca no anzol e remou para longe da borda da represa. A lua parecia pálida por entre umas nuvens, de vez em quando sumia deixando só a escuridão da noite. Seu coração batia forte no peito, efeito da adrenalina proporcionada por aquela aventura solitária.

Um vento frio passou uivando e fazendo com que um calafrio percorresse o seu corpo. Colocou o capuz e procurou relaxar, como todo pescador que se presa. Olhava ao longe a mata na escuridão, pequenos insetos voavam e às vezes trombavam com ele, vagalumes com suas luzes esverdeadas voavam na escuridão. Um pensamento estranho lhe veio à cabeça:

- E se não fossem vagalumes? E se fossem os espíritos das pessoas que ali moraram? Já ouvira muitas lendas sobre espíritos que não queriam deixar o

lugar onde viviam, ficando presos naquele espaço, sem alcançar a outra dimensão.

Sacudiu a cabeça tentando afastar os pensamentos. O anzol inutilmente na água, sem peixe algum fisgar. Seus olhos sentiam-se atraídos para a mata e para os vagalumes. Lembrou-se que ali embaixo jazia parte da cidade e outra parte escondida estava pela vegetação e terra que o tempo depositou. Suas pálpebras pesaram e por um instante se fecharam para abrirem-se em seguida assustado com um barulho que parecia um tropel de animal. Aguçou os ouvidos e ouviu ao longe: risadas e conversas. Pensou:

- Seriam os rapazes? Nada mais ouviu. Só a noite, com seus vagalumes. Enrolou a linha e puxou o anzol, remando em direção a terra. Desceu da canoa e puxou a corda, amarrando-a no bambuzal. Estava cansado.

A lua havia desaparecido e a escuridão não deixava ver nada ao seu redor, a luz da pequena lanterna estava ficando fraca. Decidiu esperar o dia clarear, com sorte sairia dali sem que os guardas o vissem. Entrou na canoa e deitou-se. Cochilou. Acordou com o dia claro e um sol brilhante que o cegou por um instante. Misteriosamente se encontrava em uma praça, ao fundo uma bela igreja com lindas paineiras.

Reconhecia aquele lugar, mas era muito louco, era a cidade das velhas fotos de sua avó Dona Corina.

Era São João Marcos. Coçou os olhos, abriu e fechou tentando em vão acordar deste sonho. Uma voz suave o chama:

- Moço, você está bem?

Não sabia responder, suas roupas já não eram as mesmas, parecia ter vindo de uma daquelas festas à fantasia.

- Será que foi isto? Será que bebi demais? Pensou.

Mas logo descartou este pensamento, pois não bebia.

Olhou e viu uma linda moça de longos cabelos escuros e pele branca, sua boca abria-se em um sorriso e gentilmente tornou a perguntar:

- O moço está bem?

- Não sei!, respondeu. Onde estou? Parece que estou vivendo em um filme de época!

A moça sorriu e estendeu-lhe a mão.

- Venha vou te dar um café e ficarás novo!

Maurício sentiu o seu coração arder dentro do peito, pegou a mão que a jovem lhe estendera, sentiu seu perfume e a maciez de sua pele e meio tonto relutou em soltá-la. Já refeito, caminhou por aquela calçada de pedra que brilhava com o sol da manhã, vez por outra olhava a jovem em seu lindo vestido godê de bolinhas, que balançava ao sabor da brisa, deixando à mostra um pouco mais de suas lindas pernas.

Se aquilo era sonho ele não queria mais acordar,

sentia com intensidade tudo à sua volta: cheiros e cores. Via os magníficos casarões antigos, suas fachadas e seus telhados, as janelas, as portas... Era uma visão esplêndida.

Acompanhou a jovem por aquela rua de pedras até atravessarem uma ponte feita em arcos construída com pedras de cantaria. Maurício não tinha mais dúvida, por algum mistério tinha voltado no tempo e pisava na fantástica São João Marcos com todo seu esplendor.

Chegaram a uma casa de comércio e o cheirinho de pão quentinho que acabara de sair do forno invadia o local. Um homem de meia idade veio atendê-los dirigindo-se com alegria à jovem:

- Bom dia, bela Vitória! Pensei que não viesse hoje!

A jovem respondeu:

- É que encontrei este rapaz na praça e resolvi trazê-lo para apreciar seu café! Maurício agora já sabia o nome que o marcaria para sempre: Bela Vitória!

O café chegou e os dois o tomaram aos poucos, saboreando gole a gole, temendo ver o fim da xícara e o motivo pelo qual estavam juntos. De vez em quando seus olhares se cruzavam e o coração do jovem batia mais forte.

E foi mergulhado nestes olhos escuros como a noite que Maurício voltou para o presente. Mais uma

vez a luz do sol o cegava e uma voz nada suave dizia:

- Acorda, rapaz! Que pensas da vida!

Com dificuldade abriu os olhos e viu dois homens com um semblante muito sério encarando-o. Era adeus à bela Vitória e à magnífica cidade. A sua volta só a mata, os bambuzais, a represa.

Cabisbaixo, acompanhou os homens até encontrar seu avô, que preocupado e ao mesmo tempo furioso, o aguardava. Tinha dado por falta do neto de madrugada e logo descobriu os rapazes que confessaram tudo.

O plano havia dado certo e Maurício partia na manhã seguinte de volta à casa de seus pais.

O tempo passou. Maurício já estava terminando a faculdade de jornalismo, quando recebeu a triste notícia do falecimento de sua avó. Um ano depois, seu avô que foi morar com os filhos em São Paulo, também partiu.

Ele nunca esqueceu aquela aventura da pescaria na represa, no entanto nunca se atreveu a contar para ninguém aquele sonho, que pareceu tão real. Mas, quando se encontrava a sós com seus pensamentos, lembrava-se da canoa na represa, dos vagalumes e gostava de imaginar que seus avós agora eram um deles voando e iluminando as escuras noites da cidade fantasma.

Tornou-se um jornalista de sucesso, trabalhando em um famoso jornal da capital.

Respeitado por sua conduta profissional e pela ética com que pautava toda sua vida, no entanto, aos quarenta anos, realizado em sua vida profissional e econômica, Maurício continuava só, nunca teve um relacionamento mais sério.

De vez em quando lembrava solitário da “bela Vitória” e uma saudade invadia sua alma. Não tinha explicação racional para aquele sentimento que o consumira durante todos aqueles anos, sem ter tido a coragem de revelá-lo a ninguém. Ainda sentia o seu perfume, a maciez de suas mãos.

Era verão e o calor castigava. Pela primeira vez durante anos Maurício sentiu vontade de parar e tirar umas merecidas férias. Ligou para o caseiro, que tomava conta do velho casarão de seus avós e avisou que preparasse tudo, ele iria passar as férias na pacata Rio Claro.

Aquela noite Maurício reviveu a ansiedade que sentia quando menino esperando o dia da viagem. Tudo voltava à sua lembrança sentindo-se meio bobo por aqueles sentimentos.

Chegou a Rio Claro ao entardecer e já se programara: iria fazer uma visita às Ruínas de São João Marcos. Pela manhã pegou o carro e sua mochila com a inseparável câmara e partiu.

Ao entrar no parque sentiu um arrepio que o fez lembrar-se da noite da pescaria, percorreu

devagarinho o caminho cercado de bambuzal, observava e fotografava cada detalhe. Até que as Ruínas se revelaram mostrando seu passado imponente. Parou o carro ao lado de uma ruína cuja placa dizia: “Casa do forno”, Era ali, foi ali que tomou café com a jovem Vitória. Lembrava-se de cada detalhe, do cheirinho de pão e das mãos suaves da moça que vez por outra ia ao encontro das suas. Atravessou a ponte e entrou no Sítio. Caminhou para as ruínas da Igreja Matriz, olhou e fotografou tudo. A sensação de que já estivera ali em outra época aumentava, o coração pulava sentindo a adrenalina correr em suas veias.

Parou por um instante para observar o casarão do capitão-mor, lembrava-se exatamente de como ele era. Em sua cabeça um pensamento martelava:

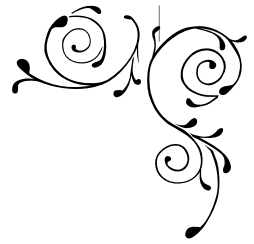
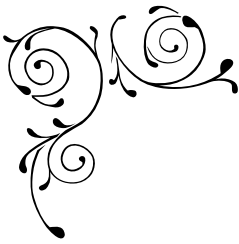
- Não podia ser só um sonho!

Meio tonto sentou-se em um banco no Mirante Imperial procurando nas calmas águas da represa acalmar também sua alma. De repente ouviu uma voz suave como uma melodia:

- Olá, posso me sentar?

Voltou-se devagar, o brilho do sol cegando seus olhos e por entre seus raios luminosos uma linda jovem de pele branca e longos cabelos escuros, que sorridente estendeu a mão:

- Prazer, sou Vitória!



Carlos Eduardo Nunes

O Tesouro Escondido

O rapaz chamava-se Augusto. Nos últimos dias dedicava-se a iniciar uma obra em seu quintal para construir uma loja. Afinal, uma crise financeira havia se instalado no país e ele havia ficado desempregado. Já fazia três meses que procurava emprego e não conseguia nenhuma colocação. Então, resolveu que deveria abrir um negócio próprio para enfrentar a crise que se aproximava.

Durante a escavação para construir a fundação da loja, a pá bateu em algo sólido. Aos poucos, com a continuação da escavação, foram se revelando os contornos de um baú. É claro que seria um milagre encontrar um baú do tesouro nesta época da vida enterrado justamente em seu quintal, mas ele continuou escavando.

Retirando o baú do buraco que havia escavado, Augusto pôs-se a abri-lo, com grande excitação. Lá dentro havia um caderno muito antigo com muitas páginas escritas. Havia também uma fotografia,

alguns brinquedos velhos, um pequeno chocalho e várias moedas antigas. Augusto passou algumas horas lendo e relendo as páginas daquele caderno, com todos os objetos do baú ao seu redor.

Em seguida, sem muito o que pensar, entrou em seu Corcel 73 e acessou a estrada federal que seguia retilínea em direção a alguém que ele não via há aproximadamente dois anos.

Após dirigir por quase duzentos quilômetros, Augusto chegou ao Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos. Como estava no meio do dia, informaram-lhe que neste horário o homem por quem procurava estaria guiando um grupo de visitantes pelo parque.

Augusto foi caminhando pelas ruas do parque observando as ruínas daquela antiga cidade, arruinada por inundações em nome do progresso da capital e das cidades vizinhas. Na volta, chegando próximo à Ponte do Padre Peres, lá estava o homem que procurava, despedindo-se de um grupo de estudantes.

“Pai”, disse ele.

O homem olhou em sua direção e o observou atentamente.

“Augusto? O que faz por aqui?”

Foi neste momento que Augusto o abraçou e juntos seguiram para o restaurante do parque.

Lá, Augusto colocou o baú sobre a mesa diante de

seu pai.

“Isso deve ter uns vinte anos. Já nem lembrava mais.” – disse o homem.

“Sim. Eu o encontrei hoje. Eu tinha sete anos quando você enterrou este baú em nosso quintal. As moedas de cruzados novos com certeza viraram relíquias. A fotografia está quase apagada, de tão desgastada. E este caderno, está se despedaçando, mas ainda dá para ler muita coisa”.

O homem pegou o caderno entre as mãos e apenas observava o filho à sua frente. Houve um breve silêncio até ele começar a falar.

“Você tinha sete anos quando enterramos este tesouro. Seu irmão tinha cinco. Lembro-me que o objetivo era abrir algum dia, quando vocês estivessem maiores. Eu pedi que sua mãe escrevesse algumas poesias dela no caderno. Pedi também que vocês desenhassem nele. E também escrevi algumas palavras. Esses brinquedos são lembranças de vocês. O chocalho, por exemplo, te despertava vários sorrisos quando deitado no berço. E a fotografia... você se lembra deste momento?”

“Como eu me esqueceria? Nós não fizemos tantas viagens assim em família, não é mesmo?”

“É verdade. Nossa vida foi sempre muito difícil. Eu peguei a Kombi de seu tio emprestada e dirigi por quilômetros até o litoral capixaba. Lá, passávamos o

dia na praia e à noite dormíamos dentro da Kombi mesmo, estacionados em algum posto de gasolina. Eu e sua mãe fomos muitos felizes nesta época. Vocês eram crianças, tudo era novo.”

“Tenho sentido sua falta... Mas, durante um tempo eu não o perdoei por ter saído de casa e nos deixado. Ao encontrar este baú, que eu nem me lembrava mais que existia, me senti na obrigação de vê-lo novamente, pois lembrei de muitas coisas boas que passamos juntos.”

“Augusto, eu nunca me perdoei pelo que aconteceu com o Lucas. De certa forma, me sinto culpado por seu irmão não estar mais entre nós. No dia do enterro dele, as pessoas ficavam me olhando, como se eu fosse um assassino. Ao voltar para casa, eu não conseguia olhar nos olhos de sua mãe. Me senti culpado, pois eu não deveria ter bebido tanto na festa de casamento de sua tia e depois ter resolvido ir dirigindo, levando o Lucas comigo. Você e sua mãe voltaram para casa de carona com seu tio. Foi um acidente horrível. O outro carro perdeu o controle e veio em nossa direção. Houve a batida e é só o que me lembro daquele dia. No dia seguinte, eu tive alta do hospital, saindo com muitas dores, mas nada grave. Já o Lucas, nunca mais estaria entre nós.”

Augusto permanecia em silêncio, observando seu pai.

“Eu nunca falei sobre isso com ninguém. Eu não podia mais encarar a sua mãe. Olhar para você também me causava muita tristeza. Foi uma tragédia muito grande e a forma como ocorreu mexeu demais com meu emocional. Eu e sua mãe conversamos e decidimos que seria melhor assim. Então, desde aquele dia, moro de aluguel aqui nesta cidade. Não tenho quase nada dentro de casa. Meu trabalho é transitar entre essas ruínas e contar para as pessoas a história da cidade. Essa vida nos prega cada peça! Minha vida estava em ruínas e vim trabalhar numa cidade de ruínas”.

Os dois se levantaram e caminharam lentamente em direção ao carro de Augusto... Foi seu pai que voltou a falar.

“Augusto, as pessoas vêm aqui para admirar essas ruínas à sua volta. De certa forma, temos curiosidade em saber como as coisas ficam assim. Tudo tem uma explicação. Trabalhando aqui eu enxerguei beleza em tudo isso. Não somente a beleza das paisagens que rendem boas fotografias em que as pessoas posam sorridentes sem estarem felizes, simplesmente para postar na internet uma alegria exterior. Eu enxerguei a beleza da reconstrução, de você poder transformar as coisas ao seu redor”.

“Eu senti sua falta nestes quase dois anos que não nos víamos.” - disse Augusto. “Eu observei tudo da

maneira como eu queria, ou seja, julguei que você havia nos abandonado. Nunca me perguntei como você estaria se sentindo.”

“Augusto, toda família tem seus fantasmas. Essa tragédia me assombrou por esses anos e eu me condenei a viver sozinho até o fim dos meus dias. Fico feliz que tenha encontrado o baú, pois ele trouxe você até aqui. Quando o enterramos, a ideia era poder lembrar coisas do passado, reencontrar coisas que foram importantes na infância de vocês. Fico feliz por estar aqui.”

Os dois se abraçaram demoradamente. Em seguida se despediram. O homem começou a caminhar de volta para o Parque. Augusto o observava. Quando ia colocar a chave na ignição, ele falou:

“Pai, acredito que podemos transformar as coisas ao nosso redor. Às vezes podemos buscar uma segunda chance.”

“Não sei”, respondeu o pai. “Às vezes as feridas são muito profundas e não cicatrizam nunca.”

“Pode ser... No mês que vem será o Natal. Há quatro meses nasceu meu filho. O nome dele é Antônio, em sua homenagem. É um menino lindo, grande e forte. Tenho certeza de que ele adoraria conhecer o avô, principalmente na noite de Natal.”

O homem veio em direção ao filho que estava saindo do carro, passou novamente pelo portão do

Parque e o abraçou, começando a chorar. Ficaram assim por um longo tempo.

Antônio chorou pela alegria que a notícia lhe causou. Mas chorou também por toda a tragédia que se abateu sobre eles, pelos dias de solidão e pelo tempo longe da família.

No dia 24 de dezembro, no Corcel 73, Augusto e Antônio cortaram a estrada imperial, depois acessaram a estrada federal que ligava as cidades onde moravam. Durante a viagem, Augusto falou da loja que estava construindo e o pai disse que ajudaria na construção, afinal, ele quem havia ensinado a profissão ao filho.

Quando chegaram, a família estava toda reunida. Quando avô e neto cruzaram os olhares, foi como se não houvesse mais ninguém naquela sala. A criança fez festa para ele, sorrindo, com os olhos brilhando, brincando com o chocalho que havia sido encontrado no baú e que o homem dizia que encantava o filho quando criança.

Talvez aquela fosse uma segunda chance para todos. Havia ainda muitas feridas a curar. Mas, apesar de tudo, perceberam que ainda existia algo na vida capaz de surpreender e encantar a todos, e que a centelha do amor estava ali, pronta para se inflamar e tornar-se uma fogueira novamente.

E isso, além de ser o mais importante, era também

um sinal de que a vida precisava continuar e que ainda havia muitas coisas a realizar.

Bastava apenas que abrissem seus corações. Permitir desenterrar os baús de sentimentos reprimidos, para viver as emoções que ainda estavam por vir. Tirar lições das ruínas de suas histórias e transformar o que está a sua volta, para que as gerações futuras possam se espelhar nestas nobres atitudes.



Parque
Arqueológico e Ambiental
de **São João Marcos**

A publicação que você tem em mãos é fruto do Prêmio Todos por um Brasil de Leitores, do Ministério da Cultura. Esta conquista permitiu realizar a segunda edição do Concurso Literário Contos de São João Marcos em 2016, ano em que o Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos completou cinco anos de atividades.

Este volume foi impresso na gráfica xxxx, miolo em papel offset 90g/m² e na fonte “Book Antiqua”.

Jurados do Concurso

Adriana Karla Rodrigues - Biblioteca Parque Estadual

Catharina Harriet Baptista - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Christina Lima - Instituto Cultural Cidade Viva

Francis Miszputen - Instituto Cultural Cidade Viva

Jonatas Tosta - Blog Papel Papel

Lisabete Lopes Loureiro - Conselho Municipal de Cultura de Rio Claro

Maria Antonieta Sampaio Rodrigues - Biblioteca Parque do Alemão

Rebeca Cavalcanti - Blog Papel Papel

Renata Costa - Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro

Roberta Abreu - Editora Cidade Viva

Zeca Barros - Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos

"Neste segundo volume, *Contos de São João Marcos* associa, mais uma vez, *História e ficção*. Os vencedores do concurso merecem a publicação que, com certeza, será tão prazerosa para o leitor quanto foi, para nós, o julgamento." – Francis Miszputen, ICCV.

"Ler os contos de São João Marcos é trazer à tona a memória afetiva da cidade e das pessoas que lá nasceram e viveram. Isso é de fundamental importância. É uma honra e uma alegria fazer parte deste projeto." – Renata Costa, Coordenadora do Sistema Estadual de Bibliotecas/RJ.

"*Contos de São João Marcos* faz uma cidade esquecida debaixo das águas surgir no imaginário dos leitores com cheiros, gostos, amores e uma saudade imensa, mesmo para quem nunca a conheceu." – Adriana Karla Rodrigues, Diretora da Biblioteca Parque Estadual.

"Os contos vencedores são dos mais variados estilos e estimulam a imaginação, guiando o leitor para fato tão marcante como (des)povoou São João Marcos." – Maria Antonieta Sampaio Rodrigues, Biblioteca Parque do Alemão.

"Esta coletânea de histórias reais, fantásticas, românticas, satíricas, surpreendentes e emocionantes sobre São João Marcos suscitam no leitor o desejo de conhecer a cidade e a transitar por suas ruas ouvindo seu povo, com quem há de chorar e rir, além de se arrepiar com os "causos" de terror e duvidar das anedotas (ou confirmá-las), para desvendar os mistérios e lendas desse lugar pitoresco." - Catharina Harriet Baptista, Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-63437-20-4



9 788563 437204

REALIZAÇÃO



PROGRAMAÇÃO ANUAL



SECRETARIA DE CULTURA



PATROCÍNIO

DIRETORIA DE LIVRO, LEITURA, LITERATURA E BIBLIOTECAS

SECRETARIA EXECUTIVA - MINISTÉRIO DA CULTURA

